

MARCELO RENE GOMES PEREZ

**O CAVALEIRO ERRANTE:
A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE EM A *FANTÁSTICA VIDA BREVE DE
OSCAR WAO*, DE JUNOT DÍAZ**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2017

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

P438c
2017
Perez, Marcelo Rene Gomes, 1988-
O cavaleiro errante : a construção da subjetividade em *A fantástica vida breve de Oscar Wao*, de Junot Díaz / Marcelo Rene Gomes Perez. – viçosa, MG, 2017.
vii, 62f. ; 29 cm.

Orientador: Gracia Regina Gonçalves.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Referências bibliográficas: f.61-62.

1. Literatura dominicana. 2. Homens - Identidade. 3. Espaço na literatura. 4. Masculinidade. 5. República Dominicana.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras.
Programa de Pós-graduação em Letras. II. Título.

CDD 22 ed. D863

MARCELO RENE GOMES PEREZ

**O CAVALEIRO ERRANTE:
A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE EM A *FANTÁSTICA VIDA BREVE DE
OSCAR WAO*, DE JUNOT DÍAZ.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 27 de Abril de 2017

Sirlei Santos Dudalski

Carlos Ferrer Plaza

Gracia Regina Gonçalves

(Orientadora)

À minha mãe, como uma simbólica fração de agradecimento pelo que faz por mim.

*Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.*

Antonio Machado

AGRADECIMENTOS

É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra cinzenta, onde não conhecem nem vitória, nem derrota.

À minha mãe, Angela, pelo apoio e incentivo, por acreditar em mim quando nem eu mesmo conseguia fazê-lo. Por ser, sempre, porto seguro e alento. Aos meus irmãos, André, que sempre estará em nossas memórias, e ao Fábio, caçula da família. À minha família, que me mostra, dia a dia, a força da união, desde a avó Luzia e avô Nir ao meu tio Luís Fernando, à minha tia Goreti, à Noemi, conselheira e segunda mãe. E ao meu primo Fernando, que considero um irmão, por estar sempre ao meu lado desde pequenos.

À minha orientadora Gracia, cuja generosidade, empatia e dedicação ao meu guiar transpassam o espaço acadêmico. De tudo que poderia dizer, só desejo que outras pessoas tenham a sorte de serem orientados – em todos os significados que esta palavra abrange – por uma mestre como esta.

Aos meus professores do Departamento de Letras da UFV, que despertaram e impulsionaram em mim a paixão pela literatura.

Ao NUCLI (Núcleo de Línguas) pelos conhecimentos adquiridos e pelo suporte financeiro.

Ao Alan, pelo apoio e parceria imensurável durante todo esse tempo de amizade.

À minha namorada, Victória, pelo companheirismo, amor incondicional e apoio emocional durante a trajetória desta dissertação.

Ao Lobão e à Diana, pelo tempo e pelas valiosas contribuições fornecidas ao meu trabalho. Aos meus amigos Drummis, Vickad, Serginho, Bianca e Marcela que me proporcionaram momentos de descontração e recarga de energias.

Muito obrigado, a todos.

RESUMO

PEREZ, Marcelo Rene Gomes, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, abril de 2017, **O Cavaleiro Errante: A Construção da Subjetividade em *A Fantástica Vida Breve de Oscar Wao*, de Junot Díaz**. Orientadora: Gracia Regina Gonçalves.

O presente estudo investiga como o romance *A Fantástica Vida Breve de Oscar Wao*, de Junot Díaz (2009), se desenvolve a partir da configuração da subjetividade de indivíduos pertencentes à diáspora dominicana nos EUA. Tendo em vista o caráter sócio-histórico desta obra, realçamos a constituição deste sujeito desde a infância, tomando por ênfase a formação da identidade masculina, tida como padrão, dentro do contexto dominicano e como o mesmo lida com este parâmetro de exclusão e/ou pertencimento. Neste sentido, recorreu-se à Teoria Espacial de David Harvey (1980), e Neely & Samura (2011) e à Teoria de Identidade na Pós-modernidade de Stuart Hall (1990, 2009, 2014), além do caso específico da masculinidade dentro dos estudos de gênero de Elisabeth Badinter (1993) e Socrates Nolasco (1993, 1995). À luz de tais teorias pode-se ver que, neste romance de Díaz, subjetividades, por muito tempo consideradas fixas, fragmentam-se, gerando um novo sujeito no qual aspectos como a ideologia racial e cultura nacional se entrecruzam. Assim, um olhar é lançado sobre a obra de Díaz no que tange à sua crítica da relação conflituosa da nação caribenha com a norte-americana, bem como ao impacto da miscigenação étnica em meio às grandes transformações urbanas e aos meandros da representação e da veiculação da imagem no âmbito político e ideológico.

ABSTRACT

PEREZ, Marcelo Rene Gomes, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, April, 2017, **The Errant Knight: The Construction of Subjectivity in *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao*, by Junot Díaz.** Advisor: Gracia Regina Gonçalves.

The present dissertation investigates how the novel *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao*, by Junot Díaz (2009) develops itself from the configuration of the subjectivity of individuals belonging to the Dominican diaspora in the USA. By taking into account the socio-historical characteristics of this work, we emphasize the constitution of this subject since his childhood, in which occurs an emphasis on the formation of the masculine identity, taken as a standard, within the Dominican context and how it deals with this parameter of exclusion and/or belonging. In this regard, we used the spatial theory of David Harvey (1980), Neely & Samura (2011) and the postmodern identity theories of Stuart Hall (1990, 2009, 2014), in addition to the specific case of masculinity within the gender studies of Elisabeth Badinter (1993) and Socrates Nolasco (1993, 1995) were analyzed as well. In light of such theories one can see that in this novel of Diaz subjectivities, long considered fixed, are fragmented, generating a new subject in which aspects such as racial ideology and national culture intersect. Hence, a gaze is cast on the work of Diaz in what concerns his critique of the conflictive relationship of the Caribbean nation with the American; the impact of ethnic miscegenation in the midst of major urban transformations; and the meanders of the representation and the transmission of images in the political and ideological scope.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - VIRANDO PÁGINAS: A REPÚBLICA DOMINICANA EM FOCO	5
1.1 Sob nova direção: identidade, espaço e o sujeito diaspórico	5
1.2 - Junot Díaz: uma voz em tom maior.	14
1.3 - A Efígie Dominicana: Trujillo e a masculinidade padrão.....	20
CAPÍTULO II - APRENDENDO A CALAR: O APRENDIZADO DE OSCAR... 28	28
2.1 - Entre quatro paredes: um geek do Gueto.	28
2.2 “Sin perder la ternura”: a reversão de um constructo.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

INTRODUÇÃO

O recente movimento migratório em massa de povos latino-americanos para os Estados Unidos, cujas identidades tanto tem se entrecruzado quanto se fragmentado, desencadeou um intenso processo de transculturação e hibridização onde quer que estes venham a habitar, redundando, assim, numa enorme pluralidade, no que tange à constituição do sujeito.

Este tem sido um dos elementos centrais na obra de Junot Díaz, autor dominicano-americano, o qual, a partir da década de 90, vem sendo reconhecido não só pela sua ficção, mas também pela sua atuação nos estudos socioculturais do seu meio. Díaz retrata, em diversos níveis, todo o impacto em torno da diáspora dominicana naquele país.

Pretende-se, aqui, ao longo deste trabalho, desnudar tal processo de construção identitária de indivíduos inseridos em uma espacialidade racializada, mais especificamente do protagonista de *A Fantástica Vida Breve de Oscar Wao* (DÍAZ, 2009). Nesta obra, a narrativa de uma família dominicana e seus dilemas, desde a pátria ao exílio, é desenvolvida, tendo, como foco Oscar, um jovem o qual, no decorrer de seu processo de aprendizado, demonstrara ser sempre uma espécie de “carta fora do baralho”. Neste jogo de significados, em meio a diversas interações sociais em espaços vistos como racializados, ele jamais encontrara correspondências. E esta busca obsessiva, o levará, irreverentemente, a um final trágico. Além do seu foco histórico sobre a diáspora dominicana e sua carga histórico-ideológica, o romance dá relevo a transformações espaciais urbanas, propiciando uma reflexão sobre como o processo implica questões de ideologia racial, de gênero e de identidade.

Esta assertiva é corroborada por Knowles (2003) quando afirma que “O sujeito moderno da cidade adquiriu a capacidade para o pensamento abstrato e a apreensão e análise da diferença *através da mobilidade* [...]”¹, fluidez a qual será devidamente abordada ao longo desta discussão.

Pode-se notar, portanto, o quão pertinentes se tornam estudos ligados à formação do sujeito e seus correlatos, quer sejam estes de caráter psicanalítico, étnico, sociológico, linguístico e, fundamentalmente, espacial.

¹ Tradução nossa de: “The modern city subject acquired the capacity for abstract thought and the apprehension and analysis of difference *through mobility* [...]”. (KNOWLES, 2003, p. 83).

Objetiva-se, então, explorar os conceitos nação/lar na configuração de um indivíduo que “[...] precisa evitar o perigo de dissolver o eu e a identidade em um núcleo essencial, uma continuidade metafísica”. (WERBNER, 1997, p.9).²

Considerado pelo *The New York Times* como: “Tão original e fantástico que somente pode ser descrito como um encontro entre Mario Vargas Llosa, *Jornada nas estrelas*, David Foster Wallace e Kanye West”, a narrativa de Diaz incorpora tópicos que variam desde a ficção clássica à cultura pop, introduzindo assim, uma representação crítica da cultura latina e sua recepção dentro da sociedade estadunidense. Esta mescla de elementos está presente na própria composição da trama do romance, o qual nos apresenta, então, a história de um jovem *nerd*³ distante tanto do ideal latino, quanto do padrão americano, cuja obsessão com o mundo virtual se torna uma válvula de escape para sua situação de desfavorável dentro da cultura em que está inserido.

Repassando, então, páginas de sua origem, narrativa de cunho altamente político que veicula a crítica do autor às ditaduras latinas da segunda metade do século XX, como também à alienação implícita à vida da metrópole para tantos excluídos, o romance desenha, sobre este pano de fundo, com humor e seriedade, o processo de construção da subjetividade deste protagonista.

Nessa perspectiva, organizamos este estudo em dois capítulos: o primeiro, “Virando páginas: a República Dominicana em foco”, é voltado, primordialmente, ao aparo teórico utilizado, enquanto, no segundo, “Aprendendo a calar: o aprendizado de Oscar”, vê-se desdobrada a constituição do protagonista através das diversas circunstâncias que a cercam. Cada um destes, por sua vez, delinea diferentes nuances a serem contempladas, respectivamente, nas suas subseqüentes seções.

Sendo assim, para uma posterior abordagem do desenvolvimento da subjetividade do protagonista, o Capítulo I divide-se em três partes as quais versam à sua maneira sobre o espaço focalizado. A primeira, “Sob nova direção: identidade, espaço e o sujeito diaspórico”, traz à tona uma discussão sobre estrutura espacial do romance e o processo histórico-social e ideológico através do qual, e no qual, atuam ideologias que vêm a influenciar sobremaneira a construção identitária do sujeito diaspórico.

Em função da articulação desses tópicos, mostraram-se como fundamentais os conceitos de espaço e lugar analisados por Caroline Knowles (2003), alinhados ao tratamento de raça e espaço. Brooke Neely e Michelle Samura (2011), por sua vez,

² Tradução nossa de: “[...] must avoid the danger of dissolving self and identity into an essential nucleus, a metaphysical continuity”. (WERBNER, 1997, p.9).

³ *Nerd* é um termo que descreve, de forma estereotipada, muitas vezes com conotação depreciativa, uma pessoa que exerce intensas atividades intelectuais, que são consideradas inadequadas para sua idade, em detrimento de outras atividades mais apropriadas.

argumentam respectivamente sobre os conceitos de cultura nacional de uma geografia social racializada.

Por outro lado, no que tange ao espaço urbano, utilizamos o suporte teórico oferecido por David Harvey em *Justiça social e a cidade* (1980) com o intuito de expor como as transformações espaciais acabam influenciando o sujeito contemporâneo e, por conseguinte, a formação da sua identidade, a qual virá a se mesclar com outras tantas no mundo globalizado. Neste diapasão retomamos como substanciais as diversas concepções de identidade proporcionadas por Hall.

A fluidez que, então, se destaca como denominador comum, revela-se uma das temáticas mais relevantes da obra de Díaz, como veremos.

Já na segunda seção, “Junot Díaz: uma voz em tom” é feita uma abordagem da vida do autor evidenciando através desta uma crítica à construção identitária de um sujeito imigrante dominicano. Juntamente, com sua biografia, uma sucinta exposição historiográfica da República Dominicana, desde sua descoberta até a era ditatorial presente em grande parte da obra é apresentada.

Finalmente, na terceira seção, “Efígie Dominicana: Trujillo e a Masculinidade Padrão”, adentramos uma sucinta narrativa historiográfica da Era Trujillo, dando ênfase aos seus conflitos como a grande diáspora por motivações políticas, fenômeno que virá, mais tarde, a ser acrescido nos anos 80 e 90 por questões econômicas. Ao longo desta seção, portanto, teremos como enfoque observações de Juan Gonzalez (2011) e Richard A. Haggerty (1989) sobre o referencial histórico da República Dominicana e a migração latino-americana para os EUA fundamentando nossa pesquisa.

Além do foco na ditadura, a terceira e última seção traça um resultante entre os valores culturais e sociais que este sujeito diaspórico dominicano incorpora durante a formação da identidade e o seu desenvolvimento físico e socioafetivo nos acontecimentos que se desenrolam.

A crítica, que ora se faz, centra-se no padrão tradicional, criado através de crenças e práticas ao longo dos tempos, cujo intuito é moldar os indivíduos, levando-os a uma masculinidade estereotipada a partir da associação com a figura mítica do ditador Rafael Trujillo como ponto de partida. Os estudos de gênero feitos sobre masculino apresentados por Sócrates Nolasco (1993, 1995), vêm, então, contribuir para a desconstrução empreendida pela obra em termos de gênero.

Mantendo-se o foco na construção identitária, o Capítulo II: “Aprendendo a calar: o aprendizado de Oscar”, por sua vez, será destinado a uma análise mais direcionada à obra. Primeiramente, a seção “Entre quatro paredes: um *geek* do Gueto”, terá como

objetivo a exposição do protagonista na sua tentativa constante em se inserir no perfil tradicional latino-americano no que tange, em especial, ao masculino. As mudanças psicológicas abordadas durante este subcapítulo, que desde sua fase inicial adulta são registradas, tem como intuito desenhar os meandros iniciais do malfadado trajeto identitário percorrido pelo protagonista. Este, cujo resultado virá a ser seu isolamento para dentro da realidade virtual, converge para uma determinação cabal do enredo.

Finalmente, na segunda seção, “*Sin perder la ternura*”: a reversão de um constructo”, uma análise do protagonista, evidenciando o uso consciente dos parâmetros da crítica da representação e da manipulação do conceito de simulacro na pós-modernidade, num resgate irônico como comentado por Linda Hutcheon, é levada a cabo, mostrando a convergência de seus dois mundos, o da sua realidade material e social com o virtual, dissipadas as barreiras entre ambos. Deste modo, pode-se ver como:

Práticas de representação sempre implicam as posições nas quais nós falamos e escrevemos - as posições de enunciação. O que os teóricos da enunciação sugerem, recentemente, é que, embora falamos, por assim dizer, "em nosso próprio nome", de nós mesmos e de nossa própria experiência, independente de quem fala, e do sujeito de quem se fala para, estes nunca são idênticos, nunca no mesmo lugar. (HALL, 1990, p. 17).⁴

O olhar crítico de Díaz acompanha a formação deste protagonista, lidando com humor e sarcasmo, com os questionamentos relativos à identidade hispano-americana, em especial à dominicana, forjada no mito, desafiando, através da articulação da queda e da redenção deste personagem, a crença em um pretenso humanismo, na falácia do herói romântico, tanto do ponto de vista da perda do controle de si mesmo, quanto de um todo coerente ao qual se pertence.

⁴ Tradução nossa de: “Practices of representation always implicate to positions from which we speak and write — the positions of enunciation. What recent theorists of enunciation suggest is that, though we speak, so to say ‘in our own name,’ of ourselves and from our own experience, nevertheless who speaks, and the subject who is spoken for, are never identical, never in the same place”. (HALL, 1990, p.17).

CAPÍTULO I - VIRANDO PÁGINAS: A REPÚBLICA DOMINICANA EM FOCO

1.1 Sob nova direção: identidade, espaço e o sujeito diaspórico

No cenário da crítica literária atual produzida por latino-americanos nos Estados Unidos, muito se questiona a abordagem da história e a caracterização de um povo através do estudo da crítica espacial. Esta, por sua vez, assume um compromisso com a identificação de fatores ligados à criação de identidades racializadas e étnicas, que, segundo Kate Berry e Martha Henderson, “[...] não existem no vácuo; os lugares e espaços em que os indivíduos e grupos operam influenciam como raça e etnia vêm sendo entendidas, expressadas e experimentadas”. (BERRY & HENDERSON, 2002, p. 3)⁵.

Em seu ensaio de 2011, *Social Geographies of Race*, Brooke Neely e Michelle Samura debatem as inúmeras concepções teóricas de espaço e lugar e suas inter-relações sociais, alertando que, tanto um quanto o outro, não devem ser considerados como elementos “neutros” e/ou “despolitizados”, uma vez que o espaço é “[...] uma complexa teia de relações de dominação e subordinação, de cooperação e solidariedade”. (MASSEY, Doreen, 1993, p. 81 *apud* NEELY & SAMURA, 2011, p. 1936)⁶.

Da mesma forma pela qual podemos considerar espaço e lugar como uma interseção entre poder político e cultural, é, principalmente, do nosso interesse também abordá-los como ferramentas utilizadas na criação de identidades. Conforme Berry e Henderson, “sublinha-se o tema no qual lugar e espaço são influentes na articulação da identidade, tornando-se este numa premissa básica, uma vez que as identidades são construídas socialmente”. (BERRY & HENDERSON, 2002, p. 4)⁷. Tal afirmativa é crucial para a abordagem do texto de Díaz e o desenvolvimento desta pesquisa em especial quando colocamos em foco o fato de que, assim como o protagonista e sua família, Díaz e uma vasta quantidade de imigrantes dominicanos teriam se refugiado nos Estados Unidos ao longo das décadas de 60 a 80, enfrentando, assim, um “árido processo de busca de sua identidade e de seu espaço naquele país”. (MANGANELLI, 2011, p. 65).

⁵ Tradução nossa de: “[...] do not exist in a vacuum; the places and space in which individuals and groups operate influence how race and ethnicity have come to be understood, expressed, and experienced”. (BERRY & HENDERSON, 20, p. 3).

⁶ Tradução nossa de: “[...] a complex web of relations of domination and subordination, of solidarity and cooperation”. (MASSEY, Doreen, 1993, p. 81 *apud* NEELY & SAMURA, 2011, p. 1936).

⁷ Tradução nossa de: “Underlining the theme that place and space are influential in the articulation of identity is our premise that identities are socially constructed”. (BERRY & HENDERSON, 2002, p. 4).

Logo, ao analisar sua obra, somos capazes de observar a imensa relevância cuja noção de lar/terra, levando em consideração como o conceito emblemático de nação pode vir a se propagar afetando não somente o poder político de um povo, mas “a capacidade cultural de se imaginar e criar sua própria narrativa”. (APPADURAI, 1997, p. 34). Assim, torna-se, pois, indispensável o estudo das espacialidades como ferramenta no constructo identitário da vida do indivíduo que vê como praxe obrigatória “se adequar às necessidades de padronização social e espacial, pré-requisito para o cidadão-sujeito moderno”. (APPADURAI, 1997, p. 35).

Assim, conseqüentemente, Knowles (2003) nos apresenta como o conceito de espaço tem uma ligação forte com o da identidade. A teoria discorre, por exemplo, sobre como este se constitui enquanto uma categoria geral a partir da qual os lugares são feitos em termos mais específicos. Logo, neste caso, lugar pode ser considerado, e muitas vezes lido, com peso de sujeito, ou seja, um indivíduo, uma vez que, de fato, lugares têm identidades.

O espaço, em contrapartida, é uma categoria mais universal, como a personalidade, que fornece a matéria prima a partir da qual a identidade é feita. (KNOWLES, 2003, p. 80). Vemos, pois, o potencial detrás da análise do espaço ao abordarmos uma narrativa na qual um sujeito e sua família se encontram em constante movimento entre duas nações, transformando padrões, a partir do seu entendimento como constructos, já que “o movimento humano costuma ser decisivo na vida social”. (APPADURAI, 1997, p. 35).

David Harvey, por sua vez, em sua obra *Justiça Social e a Cidade*, reafirma a ampla importância deste espaço e elege a zona urbana como a expressão máxima da construção social (HARVEY, 1980). De acordo com o autor, a cidade é algo complexo com “múltiplas camadas de significado”, e qualquer tentativa de entendê-la deve relacionar, de certa maneira, as formas de processos sociais e espaciais que a influenciam, o que, por sua vez, também desnudam o componente humano em relação a ele.

Ao levarmos em consideração a teorização de Harvey, torna-se bastante pertinente, na abordagem que se pretende da narrativa de Díaz, a projeção do espaço/lugares em questão. Tais aspectos ligam-se, por sua vez, a práticas sociais diversas, desde a associação étnica e cultural entre os imigrantes, até à constatação da desigualdade e exclusão dos próprios sujeitos.

De acordo com Harvey, ao se tentar analisar o espaço-cidade como construção social, é necessário que se exponham duas dimensões denominadas por ele: *imaginação*

sociológica e imaginação geográfica, ambos, elementos capitais neste processo de edificação espacial da cidade, além de estabelecerem os usos que se fazem dela.

A primeira delas, a *imaginação sociológica*, seria o elemento que dá habilidade ao homem de reconhecer a sua própria existência, as relações entre o indivíduo e a sociedade, além do papel do indivíduo na história. Já a *imaginação geográfica*, ou *consciência espacial*, por sua vez, habilita o sujeito a reconhecer o papel do espaço e do lugar em sua própria realidade. Para Harvey, o espaço só tem significado quando há uma forma de as pessoas se definirem no mesmo, isto é, a partir do sujeito reconhecer o relacionamento com seus semelhantes, com a língua, a religião, as tradições, etc., o que os levaria a julgarem a importância dos acontecimentos dentro do seu círculo, ou mesmo fora dele. É nesta esfera sociocultural – a cidade – que o indivíduo inicia a formação da sua identidade, através de práticas sociais que aceita e internaliza, com o intuito de pertencer a uma determinada comunidade, uma vez que, segundo Lefebvre, “[...] os humanos como seres sociais produzem sua própria vida, sua própria consciência, seu próprio mundo”. (LEFEBVRE, 1991, p. 68)⁸.

Uma vez que destacamos como significativa a análise do espaço dentro do romance, evidenciaremos, a seguir, a necessidade de ressaltar a importância do vasto deslocamento diaspórico de dominicanos nos últimos anos, e como este evento tem mudado drasticamente o perfil das cidades norte-americanas, assim como suas comunidades e seus indivíduos, criando, novas identidades e, conseqüentemente, novos sujeitos diaspóricos.

As espacializações racializadas encontradas ao longo da obra são, sem dúvida, peças substanciais para a construção de identidades híbridas e multiculturais, como foi analisado de antemão. Porém, estas, conjuntamente, acarretam, dentro da sua esfera sociocultural, tradições orais e outras práticas que se apropriam de um passado perdido pelos imigrantes, que dialoga, de forma direta, com a propagação de um legado sócio-histórico cujo objetivo é moldar o indivíduo a fim de torná-lo parte de determinada comunidade. Desse modo, em acordo com o argumento anteriormente apresentado, Hall, nos lembra que:

A identidade é um desses conceitos que operam “sob rasura”, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas. (HALL, 2009, p. 104).

⁸ Tradução nossa de: “[...] humans as social beings are said to produce their own life, their own consciousness, their own world”. (LEFEBVRE, 1991, p. 68).

Assim, no caso da nossa pesquisa, observaremos como origem, tradição e história se entrelaçam na vida de um imigrante latino-americano diaspórico gerando, de acordo com Hall (2003), uma identidade nacional na qual as subjetividades modernas têm se respaldado. O nosso foco, portanto, a partir de agora, visará entrelaçar a construção identitária nacional – tão recorrente nas comunidades exiladas de dominicanos – com a ocorrência da diáspora, através do que Hall denomina de ‘identificação associativa’ (HALL, 2003), e relacioná-la com a atual crise de identidade do homem cuja subjetividade era constatada como essencial, uma vez que, de acordo com Kobena Mercer:

[...] a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. (MERCER, 1990, p. 43 *apud* HALL, 2014, p. 1).

De acordo com Hall (2014), no mundo pós-moderno “nós somos também ‘pós’ relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade”. A percepção moderna de identidade, em vez de ser considerada intata e imutável, tem aberto caminho para uma abordagem na qual as constantes transformações sociais e culturais têm influenciado diretamente na construção dessas subjetividades em questão.

Com o intuito de aprofundar na evolução do conceito “identidade” que passa de “fixa” para “móvel”, Hall apresenta em *A Identidade em Questão* (2014), três concepções diferentes de identidades, estas são: *sujeito do Iluminismo*, *sujeito sociológico* e *sujeito pós-moderno*.

O *sujeito do iluminismo*, cuja identidade encontrava-se ligada à centralização do indivíduo, ou seja, a relevância do fator individualista, baseava-se na concepção de que o ser humano era genuinamente unificado e racional, atributos herdados desde o nascimento, os quais continuariam idênticos ao longo da sua vivência, uma vez que seu “centro” ou “núcleo interior” era permanente, definido e inamovível. Por sua vez, diferentemente da ideologia por trás do sujeito do Iluminismo, a abordagem contida no conceito do *sujeito sociológico* argumentava a favor de um indivíduo cujo núcleo interior via-se formado através da interação com “outras pessoas importantes para ele”, além deste não ser “autônomo e autossuficiente” como o prévio. Embora tivesse existido uma aceitação na hipótese do diálogo entre a cultura e o sujeito resultante na sua identidade, essa visão continuava a acreditar na existência de um “eu real”, um

centro individual, mas que, porém, seria modificado ao longo da existência do homem mediante suas interações. É através desse processo, no qual se costura o mundo exterior com o interior, que surge o *sujeito pós-moderno*. Para ele, o conceito de identidade apresenta atributos sociais, culturais e históricos que se entrecruzam com o intuito de formar subjetividades, as quais se tornam uma “celebração móvel”, ou seja, não se centram mais no inato, estável ou essencial.

Os elementos socioculturais e históricos, mencionados anteriormente, participam do constructo desse sujeito não mais unificado, que internaliza um sentimento “herdado”, ou passado de geração em geração, se transformando em uma das principais fontes constituintes da identidade moderna. Essa subjetividade, por sua vez, preocupa-se em “primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo - como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação” (SCRUTORI, 1986, p. 156 *apud* HALL, 2014, p. 47), gerando um sentimento de pertencimento, a partir da internalização de tradições culturais, representações e símbolos compartilhados. O sentimento de pertencer a algo ou a algum lugar, torna-se, assim, um elemento poderoso no imaginário do indivíduo, que se esforça, portanto, em incorporar atributos que possam legitimar sua existência. Assim, surge um sentimento comunitário de união em torno do lugar de nascimento, cujas práticas culturais recorrentes do seu dia-a-dia se incorporam à sua subjetividade, criando, conseqüentemente, uma identidade nacional.

Em “As culturas nacionais como comunidades imaginadas”, Hall (2014) debate sobre as culturas nacionais, que, de acordo com o próprio, “são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações”. Essas culturas são representações, não da identidade política, mas da identificação que o sujeito de uma nação pode construir através da sua herança sócio-histórica. Portanto, a cultura nacional deve ser considerada como um discurso em que o sujeito pode se identificar, criando, assim, uma identidade nacional, seja através das tradições ou mitos.

Vê-se, pois, uma importante assimilação entre as teorias de Hall e a narrativa de Díaz, uma vez que as construções de subjetividades, principalmente masculinas, apresentadas pelo autor dominicano, se respaldam, fundamentalmente, nas representações do seu legado caribenho, além dos sentidos “contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”. (HALL, 2014, p. 51).

Ao relevarmos a questão de as culturas nacionais serem, de fato, uma das fontes fundamentais na formação da identidade, evidenciaremos, a seguir, quais, de acordo

com Hall, são algumas das “estratégias representacionais” mais acionadas quando o intuito é a construção identitária moderna (HALL, 2014).

Para começar, há a *narrativa da nação*, esta, contada pelos diversos veículos de mídia nacional, assim como literaturas e histórias sobre a cultura da nação, propõe uma representação das experiências vivenciadas, criando, portanto, a chamada “comunidade imaginada”. Nesta, indivíduos compartilham a coexistência de suas vidas através de uma associação entre o passado e o presente, criando um senso de laço histórico e afetivo com sua nação.

Esse vínculo, criado através da propagação de um legado histórico e social, se torna substancial para nossa análise das identidades diaspóricas, uma vez que, a partir do momento em que o cidadão de determinada nação opta, ou é forçado, a migrar para outro país este adota certas práticas com a finalidade de se apegar a sua antiga realidade. O sentimento de identificação cultural por parte desses imigrantes, embora fisicamente distante da pátria, é mantido e propagado através de ritos e cerimônias, como por exemplo festas familiares, cujo intuito é a perpetuação e o florescimento das tradições usadas para moldar o indivíduo.

As *origens*, como continuidade tradicional, atemporal e imutável é abordada em segundo lugar por Hall. Os elementos que compõem a identidade nacional não se desfazem ou transformam apesar do seu contato com as variantes do tempo e espaço; elas, independente das mudanças históricas, mantem-se “eternas”. A importância da conservação das origens primordiais e seu vínculo com as tradições praticadas na modernidade tem, muitas vezes, como mecanismo de propagação e internalização o uso da terceira estratégia discursiva apresentada pelo autor: a *invenção da tradição*, isto é:

Tradições que parecem ser ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes inventadas... *Tradições inventadas* significa um conjunto de práticas..., de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com *um passado histórico adequado*. (HOBSBAWM, RANGER, 1983, p.1 *apud* HALL, 2014, p. 54).

Esses “valores e normas de comportamento” atribuídos ao indivíduo através da repetição inquestionada de práticas, examinados por Hobsbawn e Ranger (1983), visam moldar cidadãos padronizados para seu autorreconhecimento dentro da sua comunidade, assim como constam enquanto ferramentas estratégicas para a construção cultural generalizada de indivíduos ao longo do seu desenvolvimento identitário.

Ao prosseguir com a análise do autor, nos deparamos com o quarto exemplo de narrativa cultural nacional – *o mito fundacional* –, o qual, juntamente com a *invenção da tradição*, serve como princípio que estimula o desenvolvimento cultural adotado pelo povo para criar um laço identitário com a pátria. Estes, mantêm os sujeitos unidos sob uma nação/terra mãe, sob um ponto de referência, no qual os próprios possam se sentir pertencentes, independente desse elo ser real ou imaginário. Dentro do espectro do *mito fundamental*, nas palavras de Hall, encontramos:

[...] uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo "real", mas de um tempo "mítico". Tradições inventadas tornam as confusões e os desastres da história inteligíveis, transformando a desordem em "comunidade"[...] (HALL, 2014, p. 54-55).

Finalmente, adentramos no conceito no qual um *povo* ou "*folkpuro*", *original*, como detentores do poder, serve como base para promover a identidade nacional e seu desenvolvimento. No entanto, de acordo com Díaz, essa ideia de "originalidade" de uma nação, e a relevância das suas raízes primordiais, raramente, persistem com o passar dos anos, dando espaço para a miscigenação racial e ideológica.

Embora as culturas nacionais sejam impulsionadas, algumas vezes, para o foco no passado, "a recuar defensivamente para aquele 'tempo', quando a nação era 'grande'"⁹, pura e consistente, vê-se impraticável negar a abertura para a "carnavalização"¹⁰ cultural e racial desencadeada a partir do grande fluxo de imigrantes apresentado durante o vasto movimento diaspórico ocorrido na América Latina e, especialmente, no nosso caso, na República Dominicana.

De acordo com o colunista do The New York Times, Juan González, em seu livro *Harvest of Empire: A History of Latinos in America*, "Entre 1960 e 1986, mais de 400.000 dominicanos migraram legalmente da República Dominicana para os Estados Unidos, especialmente para New York e New Jersey, e muitos milhares mais, de forma ilegal". (GONZÁLEZ, 2011, p. 117). Este acontecimento, que teve seu início a partir do final dos anos 40, converte-se em um marco de extrema importância no processo de revisão da ideologia racial, de gênero, e, conseqüentemente, das subjetividades

⁹ HALL, 2014, p. 56.

¹⁰ Em suma, a *carnavalização*, segundo Mikhail Bakhtin, pode ser considerada um desvio e também uma inversão dos costumes consagrados.

masculinas, as quais viriam a ser caracterizadas na modernidade como o padrão do homem latino-americano, uma vez que, com o passar dos anos, de acordo com Hall:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (HALL, 2014, p. 1).

Observamos então, que o fenômeno da diáspora, retratado numa obra como a de Díaz, não é somente um tópico narrativo. Este, antes de mais nada, torna-se um dado valioso na compreensão do caráter de multiplicidade na trama, das interações entre personagens, dos conflitos e da relação entre esse novo sujeito, o diaspórico, que claramente podemos associar com o que Hall chama de “fragmentado”, e seu mundo.

Ao colocar em primeiro plano a heterogeneidade como um valor, como o elemento fundamental para a aceitação da diáspora, Hall defende uma “[...] ‘concepção de identidade’ que vive com e por meio, e não apesar, da diferença”. (HALL, 1990, p. 235 *apud* SÁEZ, 2003, p. 525)¹¹. Esse argumento se centra no fato dessa diferença ser considerada pelo autor como essencial para o significado, e este ser crucial para a cultura.

Díaz arquiteta e entrecruza, portanto, múltiplas histórias vivenciadas por indivíduos (inclusive a sua – do próprio autor, como será analisada posteriormente) e suas famílias, além das supostas maldições que estes enfrentam ao desafiarem a tradição e partirem, deixando para trás a ditadura instituída e seus tentáculos – a ditadura da ideologia na qual toda uma geração fora constituída.

Assim, distintas narrativas são contadas ao longo da obra, que reunidas vêm fortalecer, ao invés de embaraçar, a história, criando o relato de um protagonista cuja identidade é tão fraccionada quanto a sua biografia de exilado.

Tais preâmbulos em torno do sujeito diaspórico dominicano, esbarra no senso comum de ambos os lados, o da civilização/sociedade americana, e o da cultura dominicana. Desse modo, chegamos à consideração do princípio que fomenta nossa hipótese: no romance; na constituição de Oscar, pretendemos identificar um suposto ideal identitário de latinidade que, de fato, lhe é negado; contudo, para além disso, presumimos que este ideal, seja, de fato, contraditório e disseminado a partir da

¹¹ Tradução nossa de: “[...] ‘conception of ‘identity’ which lives with and through, not despite, difference”. (HALL, 1990, p. 235 *apud* SÁEZ, 2003, p. 525).

formação de um mito, que teria origem numa relação de repulsa e temor: o da figura, tanto onipresente quando odiada, do famigerado General Trujillo.

Richard A. Haggerty em *Dominican Republic: A Country Study* (1989) expõe a historiografia da República Dominicana com o intuito de incitar ou lançar luz sobre as tendências conflituosas, passadas e atuais, da sua população, que mora tanto dentro quanto fora da própria. De acordo com o autor, de 8 a 15 por cento da sua população se encontrava residindo no exterior no meado dos anos 80, sendo, em sua maioria, resultantes do movimento massivo diaspórico. Em 2006, de acordo com Philip Martin, Susan Martin e Patrick Weil, na obra *Managing Migration: The Promise of Cooperation*:

1 em cada 9 residente vive no exterior, e muitos se encontram na transição de ida e volta entre Nova Iorque ou Boston e a República Dominicana em um estilo de vida que é caracterizado pelo trabalhar nos Estados Unidos e passar férias ou aposentadoria na República Dominicana. (MARTIN, MARTIN & WEIL, 2006, p. 150)¹².

Consequentemente, observamos como esse episódio da diáspora resultante de casualidades tanto econômicas quanto políticas, encontra-se entrelaçado intimamente com o cerne do enredo assim como suas ramificações no cenário da criação de identidades.

De acordo com Andrew Smith¹³, o termo “diáspora” sugere um vínculo dentro de um contexto de exílio da terra natal, além de poder ser considerado como uma unidade mantida perante uma vasta sucessão de acontecimentos que entram em confronto com o dispersar de uma população. Smith observa que embora este termo tenha sido concebido para uso referente ao ato de “migrar e colonizar”, ele tem passado por diferentes atualizações definindo desde um “trauma coletivo e banimento” – associado primordialmente com a dispersão judaica após a destruição de Jerusalém em 586 AC – até o conceito moderno, usado nesta pesquisa, cuja definição centraliza-se no “movimento migratório ou dispersão de um povo para longe de sua pátria estabelecida ou ancestral”¹⁴.

¹² Tradução nossa de: “[...] one in nine residents lives abroad, and many shuttle between New York City or Boston and the Dominican Republic in a lifestyle characterized by work in the United States and Vacation or retirement in the Dominican Republic”. (MARTIN, MARTIN & WEIL, 2006, p. 150).

¹³ Smith, Andrew. “Migrancy, hybridity, and postcolonial literary studies.” *The Cambridge Companion to Postcolonial Literary Studies*. Ed. Neil Lazarus. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. 241-261.

¹⁴ Tradução nossa da definição: “the movement, migration, or scattering of a people away from an established or ancestral homeland”. (Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/diaspora> Acesso em: 10 de fev. 2017).

Hall, em *Pensando a Diáspora: Reflexões sobre a Terra no Exterior* (2003), nos apresentam uma série de mitos fundadores do conceito de diáspora através de um estudo sobre o hibridismo, multiculturalismo e pós colonialismo. O autor argumenta sobre assuntos inerentes a esses conceitos diaspóricos ao apresentar a narrativa de Mary Chamberlain em *Narratives of Exile and Return* (2004), relativa à migrantes barbadianos no Reino Unido.

Podemos, portanto, associar a procura desse povo em manter sua identidade nacional através de práticas culturais com o povo dominicano diaspórico, pois, embora, ambos, uma vez vivendo no exílio, sintam uma forte conexão com a terra mãe, reconfiguram-se com a cultura adotada do país estrangeiro, o que, de acordo com Hall, se deve ao fato de a cultura caribenha ser irremediavelmente “impura” – devido ao alto grau de miscigenação desde os tempos coloniais até o presente – adotando, conseqüentemente, um hibridismo tanto linguístico quanto cultural e criando esse sujeito diaspórico, tão relevante para entendermos as nuances dos personagens desse autor dominicano.

1.2 - Junot Díaz: uma voz em tom maior.

Por ter passado por esta experiência de migração, Díaz entende o quão esse deslocamento espacial de um indivíduo da sua terra natal pode modificar a maneira de se identificar e lidar com o mundo, e, conseqüentemente, como isso afeta o seu comportamento perante a sociedade.

Nascido em Santo Domingo, na República Dominicana, no dia 31 de dezembro de 1968, Díaz, aos sete anos de idade foi levado, juntamente com sua família, da sua terra natal e trazido para New Jersey, cidade na qual o pai já residira por alguns anos a trabalho. Uma vez morando nos Estados Unidos, – em uma parte pobre da cidade habitada principalmente por dominicanos – o jovem autor entra em contato, em primeira mão, com a realidade da vida dos imigrantes e o papel desenvolvido por estes em uma sociedade multicultural na qual o garoto residira. Com o passar dos anos, e logo após uma carreira acadêmica exemplar – passando pela Universidade de Rutgers e Cornell –, Díaz começa a escrever sobre a cultura latino-americana nos EUA, especialmente a dominicana, através do uso de fontes vindas de relatos, história documentada e, claro, sua própria experiência. Seus contos, que eventualmente formaram sua primeira coleção publicada chamada *Drown* (1996), receberam elogios da crítica de inúmeras fontes. Logo, Díaz tornou-se relevante para o mundo literário.

Após onze anos, o autor completa seu mais prestigiado trabalho de ficção, seu segundo livro, e primeiro romance, sucesso absoluto de público e crítica nos Estados Unidos, ocupando lugar por mais de 20 semanas na lista dos mais vendidos da revista americana *The New York Times*, *A Fantástica Vida Breve de Oscar Wao*. O seu romance, como demais contos prévios, perpetuaria as narrativas de imigrantes dominicanos residentes no país norte-americano e suas aflições com o intuito de, nas palavras de Kevane (2003), convidarem:

[...] leitores a explorar e aprender sobre a cultura latina e, ao mesmo tempo, transcender as diferenças culturais para entender e aceitar melhor as comunidades latinas encontradas nos Estados Unidos. (KEVANE, 2003, p. 2)¹⁵.

Embora suas narrativas multiculturais tenham como tema central os latino-americanos, geralmente, Díaz é considerado um representante da literatura americana, e comercializado e estudado maciçamente por teóricos como um escritor dominicano-americano, com foco em contextos de literatura étnica e cultural. Um dos sinais mais óbvios dessa inclusão de Díaz na literatura norte-americana é o fato do autor ter vencido o prestigioso Prêmio Pulitzer, em 2008, cujo site oficial afirma ser um prêmio "para ficção ilustre de um autor americano, de preferência lidando com a vida americana"¹⁶. Além do Pulitzer, Díaz, recentemente, teria sido convidado a fazer parte da *American Academy of Arts and Letters*, considerada "uma sociedade de honra dos principais arquitetos, artistas, compositores e escritores do país"¹⁷, justificando, assim, ainda mais, o seu papel no cenário literário norte-americano e mundial.

Apesar de ter nascido em Santo Domingo e, constantemente, levar o leitor inúmeras vezes à ilha caribenha através do resgate da memória espacial dominicana nas suas narrativas, a ênfase dos seus romances está, primordialmente, no continente, isto é, nas zonas urbanas dos Estados Unidos. No entanto, suas obras devem ser consideradas como relevantes tanto para a literatura dominicana, como para a internacional, uma vez que a abordagem do autor engloba conceitos históricos e políticos, além de aprofundar

¹⁵ Tradução nossa de: "Their novels and stories [...] invite readers to explore and learn about Latino culture and, at the same time, to transcend cultural differences in order to better understand and accept the Latino communities found across the United States." (KEVANE, 2003, p. 2).

¹⁶ Tradução nossa de: "For distinguished fiction published in book form during the year by an American author, preferably dealing with American life [...]"

¹⁷ Tradução nossa de: "[...] an honor society of the country's leading architects, artists, composers, and writers."

na abordagem social e espacial dessas literaturas, já que, tanto elas, quanto a obra de Díaz:

[...] representa a tarefa diária imposta de não somente as negociações entre duas culturas, mas também entre família e trabalho, entre velhas tradições e novas ideias, entre a dignidade e o compromisso que acompanham a pobreza, entre racismo e assimilação. (KEVANE, 2003, p. 72)¹⁸.

Uma vez que, como dito anteriormente, o autor é considerado um ser dividido entre dois mundos, isto é, um escritor americano de origem dominicana, é possível traçar um paralelo entre sua obra, sua escrita – no sentido linguístico – e sua vida particular com o intuito de proporcionar um olhar mais profundo nos elementos associados ao autor, assim como o desenvolver das suas narrativas.

Fica claro, portanto, como Díaz, através dos seus contos e romance, visa enaltecer a pluralidade cultural e a construção da identidade de sujeitos híbridos a partir das suas interações com o espaço habitado, que, assim como o protagonista e o próprio, se encontram em constante transformação. Estes tópicos, tão estudados atualmente, entram em choque com as antigas noções da soberania do Estado-nação, que buscavam produzir “pessoas” através da padronização das identidades sempre associadas com o sentimento nacionalista que surge a partir da ideologia do espaço e território imóvel, limitado e inalterado, ou seja, através da propagação da:

[...] ideia de que as culturas são coerentes, com fronteiras contíguas e persistente e que estas se prendem na sensação de que a sociabilidade humana é naturalmente localizada e mesmo limitada pela localidade. (APPADURAI, 1997, p. 42).

Já através da análise e crítica de questões geográficas, assim como linguísticas, resultante de uma releitura de Díaz, podemos apresentar uma resignificação das subjetividades surgidas a partir das novas representações espaciais, que, diferentemente do conceito apresentado por Appadurai:

[...] podem ser melhor entendidas como um ponto de encontro, um processo de interseções com limites permeáveis, identidades múltiplas

¹⁸ Tradução nossa de: “represents the imposing daily task of negotiating not only between two cultures, but also between family and work, between old traditions and new ideas, between the dignity and compromise that accompany poverty, between racism and assimilation. (KEVANE, 2003, p. 72).

e conflituosas e distinção forjada através de relações sociais locais e globais¹⁹. (NEELY, SAMURA, 2011, p. 1937).

Ao levarmos em consideração essa abordagem que parte da importância espacial na construção de identidades, vemos como relevante, por consequência, a menção da importância da hibridização da língua presente na realidade das comunidades de imigrantes nos Estados Unidos, assim como a do autor. Esta, pois, se torna um mecanismo de sobrevivência e uma forma de se expressar na medida em que cria um sentimento de auto respeito coletivo e de resistência frente à cultura dominante (KEVANE, 2003, p. 2). Ao relatar, em uma entrevista com Henry Ace Knight, editor do jornal online *Asymptote* - cujo foco aborda a importância e sutilidade das traduções do mundo literário – sobre sua experiência pessoal com o processo de aprendizagem de uma segunda língua e a dimensão de pairar sobre as duas na sua fase adulta, Díaz discorre sobre a transição de sua língua mãe para a segunda, e como o resultado da mescla de ambas torna o sujeito mais consciente da sua própria existência:

Para mim, o trauma da aquisição de Inglês flutua sobre mim, mas também o fato de que eu estou em dois idiomas a maior parte do tempo. Soa superficial, mas na verdade parece muito verdadeiro para mim. Eu vivo uma vida onde tanto o Inglês quanto o Espanhol estão em itálico no meu cérebro. Não me custa nenhum esforço extra; Não se sente incomum; Ele não se sente como uma fraqueza, mas me impressiona de vez em quando que há pessoas que não escolhem sua língua da maneira que eu faço, que não são tão autoconsciente do que eles estão dizendo, que têm uma língua natural²⁰. (Disponível em: <http://www.asymptotejournal.com/interview/aninterview-junot-diaz/>. > Acesso em: 20 mar. 2017).

Uma vez que a língua falada se torna um princípio embrionário, e esta afeta, conseqüentemente, o sentimento de identificação com uma comunidade, assim como de pertencimento de uma nação, ela não se apresenta diferente quando relacionada a escrita. Devido à tradição dominicana de escrita literária recorrentemente em espanhol,

¹⁹ Tradução nossa de: “[...] can be better understood as a point of *meeting*, a process of intersections with permeable bounders, multiple and conflicted identities and distinctiveness forged through local and global social relations.” (NEELY, SAMURA, 2011, p. 1937).

²⁰ Tradução nossa de: “For me, the trauma of English acquisition hangs over me, but also just the fact that I’m in two languages a lot of the time. It sounds glib but it actually feels very true to me. I live a life where both English and Spanish are in italics in my brain. It costs me no extra effort; it doesn’t feel unusual; it doesn’t feel like an infirmity, but it does strike me every now and then that there are people who don’t pick over their language the way I do, who aren’t so self-conscious of what they’re saying, who have a natural tongue.” (Disponível em: <http://www.asymptotejournal.com/interview/aninterview-junot-diaz/>. > Acesso em: 20 mar. 2017)

a necessidade do uso da língua materna na escrita ainda é considerada como mecanismo central para a consideração de uma obra como literatura nacional.

A linguagem, logo, é considerada um elemento decisivo quando a inclusão de determinados livros na categoria de cultural/nacional vem à tona. Entramos, assim, em um impasse, pois, Díaz constrói seu romance, intencionalmente, na língua inglesa. Seu intuito, porém, em momento algum, é desmerecer a língua materna, e sim apresentá-la como uma ferramenta usada na construção de uma fala utilizada pelo imigrante e como esta se transforma em um marco relevante no compor das identidades híbridas de imigrantes latino-americanas como ele.

Assim, como as próprias subjetividades desses indivíduos, somos capazes de observar como esse hibridismo na língua torna-se fundamental para análise dessas comunidades marginalizadas apresentadas ao longo da obra, cuja identidade se forma a partir do âmbito sociocultural no qual estas se encontram.

Díaz, portanto, abraça a ideia do hibridismo dando voz a uma narrativa que, embora seja primordialmente escrita em inglês, entrelaça a língua oficial do seu país de residência com a sua língua materna, criando assim, uma mistura linguística que nada mais é que uma representação da identidade bicultural adquirida pelos imigrantes dominicanos, assim como os personagens do romance e a sua própria.

Para analisarmos esta questão, com suas nuances foucaultianas de assimilação do poder, torna-se imprescindível trazer à tona esta parte nefasta da historiografia do país caribenho, colocando, principalmente, em foco o período totalitário deste terrível líder da República Dominicana, Rafael Leónidas Trujillo Molina.

No seu ensaio *Recent Popular Movements in the Dominican Republic* (1995), Roberto Cassá expõe uma análise sobre a situação recente da história dominicana nos últimos anos com o intuito de mergulhar nos problemas sociais que o país enfrenta. Antes, porém, o autor introduz uma breve observação histórica sobre o desenvolvimento dos acontecimentos, desde o descobrimento do país caribenho, passando pela era ditatorial até seus dias atuais, dando especial atenção a Era Trujillo.

A ilha de Hispaniola, conhecida também como ilhas de São Domingos, é parte das Antilhas Caribenhas, que inclui Cuba para o leste, Puerto Rico ao oeste, e Jamaica ao sudoeste. Na parte oriental da ilha se encontra a República Dominicana, enquanto na parte ocidental, o pedaço menor da ilha, é conhecido como Haiti.

A ilha foi visitada pela primeira vez em 1492 pelo explorador italiano Cristóvão Colombo quando seu navio, o *Santa Maria*, encalhou na costa norte do Haiti. Colombo

estabeleceu a colônia de *La Navidad* com a ajuda de povos indígenas, como os taínos, um subconjunto dos aruaques.

Durante séculos, a ilha de Hispaniola se viu colonizada primeiramente pelos espanhóis e, a partir 1665, pelos franceses. Estes se concentraram especialmente na parte oeste da ilha, onde atualmente se localiza o Haiti, e através do uso forçoso e desumano da mão de obra nativa quase dizimou essa população. Em 1803, depois de uma dura batalha entre revolucionários e a armada francesa, o Haiti conquistou sua independência. A República Dominicana iria, em seguida, conquistar também a sua em 1821. Essa independência, no entanto, não foi oficializada até o ano de 1865.

Devido a uma grande quantidade de dívidas da época governada por *caudillos*, ou seja, líderes político-militares no comando de uma força autoritária, a República Dominicana viu-se obrigada a permitir concessões econômicas como troca pelos empréstimos feitos por parte dos líderes caribenhos. No entanto, ao ameaçar os credores estado-unidenses em não pagar, os Estados Unidos se viu “forçado” a assumir o controle dos serviços, primeiramente, aduaneiros do país. É durante este período que surge um dos personagens mais cruéis da obra em questão, assim como do século XX, Rafael Trujillo, melhor conhecido como *El Jefe, El Generalíssimo, El Benefactor*²¹.

Seu governo de 31 anos é conhecido pelos dominicanos e o resto do mundo como a "Era de Trujillo", e é considerado uma das tiranias mais sangrentas da história da América Latina. Esta foi marcada fortemente pelo anticomunismo, pela repressão a todo tipo de oposição e pela “adoração” ao ditador como representante e maior símbolo do país. As liberdades civis foram suprimidas e os direitos humanos violentados. Trujillo, através do seu autoritarismo, converteu a República Dominicana em uma propriedade privada, além de aterrorizar o país constantemente por meio de torturas. Haggerty, através dos seus estudos, observa que:

O ditador passou a governar o país como um senhor feudal por trinta e um anos. Ele ocupou o cargo de presidente 1930-1938 e de 1942 a 1952. Durante os períodos intermediários, ele exerceu o poder absoluto, deixando os assuntos cerimoniais aos presidentes fantoches, como seu irmão, Héctor Bienvenido Trujillo Molina, que ocupou o Palacio Nacional de 1952 a 1960, e Joaquín Balaguer Ricardo, um estudioso e intelectual que serviu em 1960-1961²². (Disponível em:

²¹ Grifo nosso.

²² Tradução nosso de: “The dictator proceeded to rule the country like a feudal lord for thirty-one years. He held the office of president from 1930 to 1938 and from 1942 to 1952. During the interim periods, he exercised absolute power, while leaving the ceremonial affairs of state to puppet presidents such as his brother, Héctor Bienvenido Trujillo Molina, who occupied the National Palace from 1952 to 1960, and

Trujillo, oficialmente, se manteve no cargo de presidente até 1938, embora tenha tido o controle absoluto do país até seu assassinato no dia 30 de maio de 1961. A partir desse marco histórico dominicano, tribulações tanto políticas quanto sociais e geográficas entrariam em choque caracterizando, deste modo, uma propagação de um padrão de constructo ideológico que antes pertencera a o país dominicano.

1.3 - A Efigie Dominicana: Trujillo e a masculinidade padrão

Os trinta anos de ditadura do coronel Rafael Leónidas Trujillo hegemonizaram uma expectativa de masculinidade, estereotipada de acordo com os conceitos de *caudillo* e hipervirilidade, isto é, a ênfase na dominação através da violência física e a sexualidade insaciável. Estes elementos têm constituído o imaginário nacional, e conseqüentemente a identidade, caracterizando-se pelas “[...] exigências viris, de posse e poder, bem como ser assertivo e competitivo sexualmente [...]”²³ criando, assim, uma geração cujo perfil se encontra em par com a do déspota e teria origem através de uma relação de aversão e temor.

No seu ensaio *Masculinity after Trujillo*, Maja Horn discorre sobre a importância do papel do gênero na formação do constructo civil, assim como do poder do Estado na República Dominicana, cuja profundidade demanda “complexa compreensão das noções hegemônicas da masculinidade dominicana”²⁴. (HORN, 2014, p.1).

Enquanto tais evocações da masculinidade são comumente racionalizadas como modelos da cultura patriarcal latino-americana "padrão", Horn argumenta sobre a existência de um vínculo indiscutível entre a consolidação do masculino e a emergência da figura do déspota ao poder e seu contexto histórico. Sendo assim, vemos como essencial uma breve menção à historiografia por trás da tomada do poder do ditador e o seu governo.

Após a ocupação estado-unidense de 1916 a 1924 e após os próprios terem tomado controle estatal e militar de todos os programas econômicos dominicanos, Trujillo ingressa em um programa de treinamento para fazer parte da primeira força

Joaquín Balaguer Ricardo, an intellectual and scholar who served from 1960 to 1961. (Disponível em: <http://www.countrystudies.us/dominican-republic/>. Acesso em: 25 ago. 2016).

²³ NOLASCO, 1995, p. 21.

²⁴ Tradução nossa de: “[...] complex understanding of hegemonic notions of Dominican masculinity [...]” (HORN, 2014, p. 1).

policial do seu país no meado do ano de 1919 e, rapidamente, se torna um membro essencial para o poder bélico norte-americano instaurado na República Dominicana e, logo, estaria em uma ascendência veloz na escala hierárquica militar. Após tornar-se segundo comandante da guarda e, posteriormente, chefe, no início de 1930, depois do presidente dominicano Horácio Vásquez enfrentar revoltas no seu governo provisório, Trujillo nomeia-se candidato nas novas eleições presidenciais, ganha e inaugura o começo da Era Trujillo.

É do nosso interesse, conseqüentemente, apontar como ao ter passado por um processo tanto de colonização quanto independência sob influências estrangeiras, de acordo com Horn, a participação de espanhóis, franceses e norte-americanos ao longo da história do país caribenho se torna uma forte influência na construção identitária dos líderes nacionais, e, conseqüentemente, o seu povo, uma vez que:

Contra a tendência de equiparar o discurso de masculinidade de Trujillo simplesmente com o de um "homem forte" latino-americano estereotipado, ou caudillo, aponto a importância de explicar como as forças transnacionais e imperialistas, incluindo os discursos políticos internacionais de soberania e racismo euro-americano, também moldou sua articulação. (HORN, 2014, página 1-2)²⁵.

Depois disso, ao longo dos anos de 1930, 40 e 50, a República Dominicana foi governada pelo ex-militar e agora ditador Trujillo, cuja campanha “[...] não era exatamente a melhor época para se apreciar as ideias, nem para se debater na sala de estar, muito menos para se oferecer tertúlias e se dedicar às atividades fora do comum [...]”²⁶, uma vez que este organizou uma força policial secreta para torturar e assassinar partidários do candidato oposto e cidadãos que demonstrassem qualquer tipo de resistência.

No quesito econômico, Trujillo, além de impor "impostos de emergência", apreendeu as contas bancárias de sua oposição, assumiu o controle, em toda sua extensão, de todas as principais indústrias e instituições financeiras. Embora o país tenha visto algumas melhorias em sua economia, estas aconteciam, principalmente, na capital. Ao levar isso em consideração, de acordo com Haggerty, apontamos que:

²⁵ Tradução nossa de: “Against the tendency to equate Trujillo’s discourse of masculinity simply with that of a stereotypical Latin American “strongman”, or caudillo, I point to the importance of accounting for how transnational and imperialist forces, including international political discourses of sovereignty and Euro-American racism, also shaped its articulation”. (HORN, 2014, p. 1-2).

²⁶ DÍAZ, 2009, p. 214.

De um modo geral, a qualidade de vida melhorou para o dominicano médio sob Trujillo. A pobreza persistiu, mas a economia se expandiu, a dívida externa desapareceu, a moeda permaneceu estável e a classe média expandiu-se. Os projetos de obras públicas melhoraram o sistema rodoviário e melhoraram as instalações portuárias; aeroportos e edifícios públicos foram construídos, o sistema de educação pública cresceu e o analfabetismo diminuiu. Esses avanços poderiam muito bem ter sido alcançados em medida ainda maior sob um governo democrático responsivo, mas para os dominicanos, que não tinham experiência com tal governo, os resultados sob Trujillo foram impressionantes. Embora ele nunca testou sua popularidade pessoal em uma eleição livre, alguns observadores sentem que Trujillo poderia ter ganhado a maioria do voto popular até os últimos anos de sua ditadura. (HAGGERTY, 1989, Disponível em: <http://www.countrystudies.us/dominican-republic/>. Acesso em: 25 ago. 2016)²⁷.

A forma de governar sua economia e seus conterrâneos foi tão nefasta quanto o modo que, deliberadamente, propagava o ódio e preconceito sobre seus vizinhos. Trujillo era conhecido por tratar os migrantes haitianos da República Dominicana com particular severidade. Isto, de acordo com Julia Peña em seu trabalho *Yo soy negro, pero negro blanco* (2012), teria como fundamento catalisador a forte tensão entre os dois países resultado de longos conflitos cujo pico se centra na invasão haitiana de 1922.

Em meados de outono de 1937, Trujillo ordena a exterminação da população haitiana estabelecida na República Dominicana com o intuito de resolver a crise econômica e purificar a população “original” de “estrangeiros”. As execuções foram realizadas por militares e civis, usando facões, baionetas e rifles. Ao longo de um mês, homens, mulheres e crianças haitianas enfrentariam morte iminente resultando em um número de “[...] cerca de 20 mil homens, mulheres e crianças, em grande parte desarmados, principalmente em áreas fronteiriças, mas também no oeste do Cibao”²⁸.

²⁷ Tradução nossa de: “Generally speaking, the quality of life improved for the average Dominican under Trujillo. Poverty persisted, but the economy expanded, the foreign debt disappeared, the currency remained stable, and the middle class expanded. Public works projects enhanced the road system and improved port facilities; airports and public buildings were constructed, the public education system grew, and illiteracy declined. These advances might well have been achieved in even greater measure under a responsive democratic government, but to Dominicans, who had no experience with such a government, the results under Trujillo were impressive. Although he never tested his personal popularity in a free election, some observers feel that Trujillo could have won a majority of the popular vote up until the final years of his dictatorship.”(Disponível em: <http://www.countrystudies.us/dominican-republic/>. Acesso em: 25 ago. 2016).

²⁸ Tradução nossa de: “[...] as many as 20,000 largely unarmed men, women, and children, mostly in border areas, but also in the western Cibao”. (HAGGERTY, 1989, Disponível em: <http://www.countrystudies.us/dominican-republic/>. Acesso em: 25 ago. 2016).

No intuito de diferenciar o haitiano do dominicano, civis, ao longo da fronteira, eram “convidados” a pronunciar *perejil*, uma palavra espanhola cujo significado pode-se definir como "salsa". Caso fossem haitianos, a palavra seria pronunciada com um sotaque francês, tornando-os incapazes de trinar o "r" do termo. Outro fator de diferenciação do haitiano era a cor da pele, princípio propagado até os dias de hoje, através de uma ideologia anti-haitiana reforçada durante a Era Trujillo, a qual, nas palavras de Peña:

[...] se configurou como o aproveitamento de uma ideologia que, enquanto tal, refletia aspectos ligados à formação histórica da sociedade dominicana e um pensamento racializado de origem europeia, aonde o negro representava o estrato mais baixo da sociedade e era inferiorizado por supostamente possuir características fenotípicas e intelectuais que o legitimavam como tal, reproduzido pelas elites intelectuais, bem como, concomitantemente, foi um agente ativo na construção e consolidação de uma identidade que se pautava na constante tentativa de distanciamento do haitianíssimo. (PEÑA, 2012, p. 11).

Na sociedade dominicana contemporânea, o anti-haitianismo é refletido em uma série de categorias associadas com aquelas disseminadas por Trujillo, como a não identificação de sua população com a ideia de negritude, ligada ao país vizinho e, junto a ele, a inúmeros aspectos socioculturais que supostamente se opõem à identidade dominicana.

Embora, basicamente, Trujillo não possa ser considerado como um ideólogo, seu comportamento e atitudes *caudillistas* dominicanas expandiram-se em proporções monstruosas durante seu controle absoluto dos recursos da nação.

Trujillo encontrou seu fim em maio de 1961. De acordo com a história dita oficial, o déspota foi assassinado por jovens oficiais do exército, os quais, segundo se diz, estavam descontentes com alguns assuntos relacionados ao financeiro. Os assassinos travaram Trujillo em seu carro em uma estrada e atiraram inúmeras vezes no carro atingindo com sucesso o alvo. O poder nominal transladar-se-ia para o vice-presidente de Trujillo, Joaquín Balaguer, que permaneceria no cargo momentaneamente, permitindo que o filho do ditador, Rafael Trujillo Lovatón (também chamado Rafael, Jr. ou Ramfis), voltasse de Paris e assumisse o controle de fato.

Além do seu legado repleto de ódio, preconceito, violência e racismo um dos pontos mais representativos da Era Trujillo foi a reprodução da hipervirilidade, que se

tornaria um dos principais pontos de referência para o constructo do perfil do homem dominicano.

A masculinidade exacerbada apresentada pelo ditador via-se intimamente ligada à necessidade de demonstrar, através de um núcleo focado no que seria o masculino, atos de coragem ou violência, assim como representações de machismo e hegemonia patriarcal. Estas discussões sobre a masculinidade dos latino-americanos há muito tempo têm se associado à noção do machismo, principalmente por causa da sua manifestação excessiva do *ser masculino* e da sua hipervirilidade muitas vezes desconectada da realidade, uma vez que “os homens, particularmente, são instigados desde cedo a falar e a valorizar o sexo, não como possibilidade de expressão de si mesmos, mas como maneira de reproduzir o modelo de comportamento para eles determinado”²⁹.

De acordo com Elisabeth Badinter (1993), nos dias atuais a heterossexualidade é uma das características mais evidentes da masculinidade. O gênero se encontra pré-definido, no sentido de, por exemplo, subjugar a identidade feminina ao fato de “ser possuída, dócil, passiva, submissa” entrando, assim, em contradição com a masculina, cujo foco se centra em tomar, penetrar, ser viril, insaciável sexualmente, etc.

Da mesma forma, Horn (2014) traça um paralelo similar à teoria apresentada por Badinter na qual certas expectativas da sociedade dominicana limitam o desenvolvimento de homens e mulheres através da linguagem, pois os padrões a serem seguidos são definidos de acordo com o gênero. De acordo com a autora, os homens são vistos pela comunidade caribenha como “opostos exatos” das mulheres, uma vez que:

[...] enquanto as mulheres são reprimidas pela perspectiva de dúvidas para sua moralidade, os homens são por dúvidas a sua masculinidade. No entanto, em ambos os casos os padrões operacionais se relacionam com significados estritos associados aos papéis do sexo. (HORN, 2014, p. 11)³⁰.

Desde criança, os homens têm como desafio a obrigação de alcançar padrões que os tornariam aceitos como tais perante a sociedade, constantemente, tendo que enfrentar julgamentos cotidianos permeados por observações tais como “isto é brinquedo de menina, “menino não chora”, “menino não abraça nem beija outro menino, só os

²⁹ NOLASCO, 1995, p.4.

³⁰ Tradução nossa de: “[...] whilst women are restrained by the prospect of doubts to their morality, men are by doubts to their manhood. Yet, in both cases operating patterns relate to strict meanings associated with sexualized roles”. (HORN, 2014, p. 11).

maricas”, “você transou com ela? Não? É muito bobo!”, “você é um medroso, parece mulher”³¹. Deste modo, as noções fomentadoras da formação desses homens “tradicionais” acabam focando mais no que este *não* deveriam tornar-se ou querer, em vez do que deveriam ser e desejar, uma vez que, de acordo com Badinter:

[...] a masculinidade se define mais “por evitar alguma coisa [...]do que por desejar alguma coisa. Ser homem significa *não ser* feminino; *não ser* homossexual; *não ser* dócil, dependente ou submisso; *não ser* efeminado na aparência física ou nos gestos; *não ter* relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens; *não ser* impotente com as mulheres. (BADINTER, 1993, p. 117).

Com relação à masculinidade, a tendência geral na República Dominicana optaria por se apoiar na caracterização hiperbólica do déspota, transformando a identidade masculina em “uma efigie de um deus ou herói que segue pelos caminhos desenhados por este deus”³². Horn discorre sobre um certo “voyeurismo em relação ao seu apetite sexual”³³ que seria outra característica herdada pelo povo, cuja essência tem como centro a reprodução do sexo. Assim, levando, juntamente, a análise apresentada por Nolasco (1993), podemos observar como essa figura, autoproclamada o “pai da nação”, mantém uma ligação direta como a construção do imaginário nacional sobre a representação dos gêneros, acentuando a padronização do ser masculino.

Consequentemente, ao levarmos em consideração a representação simbólica do ditador como suposto padrão a ser seguido, apresentaremos, juntamente, a possível associação do mesmo com a figura de “pai” dos dominicanos.

É plausível entrelaçar a associação da masculinidade excessiva com a identidade compensatória dos dominicanos “órfãos” da pós-ditadura e a sua permanência nas práticas sociais contemporâneas. Essa constante busca e assimilação das identidades masculinas, cujo vínculo com a caracterização e construção de subjetividades está relacionada com as figuras paternas, são, segundo Nolasco: “Mais do que uma marca biológica, a pretensa autonomia e virilidade dos homens constitui uma reação emocionada a esta condição diante do pai”³⁴.

Uma vez que o intuito deste trabalho configura-se em analisar a construção fora do padrão da subjetividade do protagonista através da comparação com a caracterização

³¹ NOLASCO, 1993, p. 42.

³² NOLASCO, 1993, p. 30.

³³ Tradução nossa de: “[...] a particular kind of voyeurism with regard to his sexual appetite [...]”.

(HORN, 2014, p. 17).

³⁴ NOLASCO, 1995, p. 26.

identitária dos indivíduos “tradicionais” como subversão e suas diversas formações associadas diretamente com o ditador, a diáspora e suas decorrências, observamos como as interfaces culturais estabelecem-se nas relações sociais através de uma ligação que poderia ser associada com aquela entre pai e filho.

O “pai coletivo”³⁵ adotado pelo povo se torna um representante norteador para os padrões com os quais os “filhos” terão que internalizar caso queiram se tornar homens; assim, estes incorporam inconscientemente tanto o lado negativo quanto positivo das atitudes. No caso de Trujillo, o seu legado afloraria um constructo já existente em referência ao machismo na sociedade patriarcal latino-americana, mas com uma dose de exagero em todo aspecto contraproducente possível a qual serviria de exemplo para a formação de gerações de homens dominicanos.

De acordo com Guy Corneua (1995), ao se falar em identidade, automaticamente surge o problema que envolve a sexualidade. Uma vez que nascemos sexuados, ou seja, em corpo de homem ou mulher, nossa subjetividade é sexual. Portanto, ao levarmos em consideração esse fator, devemos dizer que “o elemento fundador da identidade sexual para a criança é o genitor com o mesmo sexo que ela”³⁶. Sendo assim, Díaz, ao tecer um paralelo direto entre a figura mítica do déspota e o homem “padrão”, evidencia o porquê da série de insucessos de Oscar, ao relacionar suas atitudes e escolhas em comparação com sua herança cultural e seu exemplo identitário necessário para que seja considerado dominicano.

Se de acordo com Hall, o sujeito não é autônomo nem autossuficiente, e é formado na relação com “outras pessoas importantes a ele”, Oscar se vê envolvido nesta trama de identidades: o ditador que é odiado, é também modelo para todos os cidadãos masculinos, um espelho no qual a sua imagem não tem reflexo. Mais do que isto, ele é também um “condenado da terra” por uma transgressão ao histórico de obediência devida ao ditador. Logo, toda sua família se vê proscrita e sujeita a uma maldição associada ao poder pleno do mesmo, ou seja, Trujillo reinava no plano temporal e extra temporal e as pessoas acreditavam na influência maligna regida por ele numa esfera transcendental. Oscar não teria como escapar.

Ao relatar a história do protagonista em direção ao seu desenvolvimento masculino, Díaz situa o leitor em um espaço que, juntamente com a constante regressão temporal, se vê duplamente situada entre a ditadura dominicana dos anos de 1930 e a presente situação da família De Leon nos Estados Unidos apresentando, assim, como a

³⁵ CORNEAU, 1995, p. 44.

³⁶ CORNEAU, 1995, p. 45.

essência do padrão tradicional da masculinidade se vê propagada o tempo todo independente da época ou lugar onde o homem dominicano está inserido. A espacialidade, como formadora de identidades, se vê retratada por meio de narrativas político-sociais da história dominicana já que “tanto raça quanto espaço variam ao longo do tempo e local, envolvem disputas políticas sobre seu significado e emergem da interação entre materialidade e cultura”. (NEELY & SAMURA, 2011, p. 1934)³⁷.

³⁷ Tradução nossa de: “Both race and space vary across time and location, involve political contest over their meaning and emerge from the interplay between materiality and culture”. (NEELY & SAMURA, 2011, p. 1934).

CAPÍTULO II - APRENDENDO A CALAR: O APRENDIZADO DE OSCAR

2.1 - Entre quatro paredes: um geek do Gueto.

Nas páginas a seguir, veremos quão irônico soa o título do romance de Diaz, *A Fantástica Vida Breve de Oscar Wao*, ao ser associado à trajetória do seu protagonista, o qual constitui uma espécie de negação/resgate do conceito de herói numa era pós-moderna.

Retratado em meio a várias circunstâncias negativas, a começar dos efeitos das atribulações sofridas por sua família na República Dominicana, quando ainda muito jovem, seu percurso envolve experiências vivenciadas por até duas gerações anteriores à sua, culminando na inserção deste no quadro da diáspora caribenha nos Estados Unidos.

Na narrativa, que percorre desde a constituição da sociedade e da política dominicana, sua origem e carga cultural, veem-se transformações espaciais urbanas que abrangem até a contemporaneidade, em especial no que tange à referida diáspora nos EUA. Diaz expõe o impacto que tais elementos, agentes no processo de formação da subjetividade do protagonista, vem a ter, bem como propõe uma revisão da questão da identidade, no terreno da ideologia racial e de gênero.

Nosso foco, portanto, centraliza-se no desenvolvimento do protagonista, o adolescente Oscar, ironicamente, batizado, “de Leon”, e de como este lida com o espaço que o rodeia.

Este quadro adverso o acompanhará na sua tentativa de encontrar sua subjetividade, até que, frustrando-se, deixa-se levar pelo niilismo, mergulhando numa constante e progressiva fuga de si mesmo, como veremos.

Antes, porém, uma sucinta visão da história seria pertinente. Tendo se envolvido com um homem casado, marido de ninguém menos do que a filha do ditador acima mencionado, a mãe de Oscar se vê jurada de morte e para protegê-la, sua avó, força-a a tomar um avião e a emigrar com seus dois filhos para os Estados Unidos.

Completamente díspares, Oscar e Lola, seguem trajetórias diferentes. Ela tem trabalho, tem autonomia, vida pessoal, amantes, (inclusive é um dos possíveis cunhados de Oscar, Yuniór, que narra a história). Oscar, por sua vez, vive numa espécie de limbo sem identidade profissional, não só sem interação, mas sem uma imagem própria mesmo no grupo social. Pode-se dizer que ele ‘inexiste’ no romance, daí a ironia maior do título proposto. Desta forma, ele irá se refugiar num mundo fictício, supra real, conforme veremos.

A partir daí, o personagem esforça para se desenvolver durante a narrativa e, assim, conseqüentemente, ser aceito “[...] como um muchacho normal”³⁸.

Ao observarmos o estágio inicial da vida de Oscar é possível notar como as atitudes do próprio se associam ao esperado de qualquer criança latina. Neste contexto, as tradições familiares tendem a moldá-lo no sentido de se tornar “um homem”, previsto assim pela sociedade na qual este se vê inserido.

Ao longo dos anos do protagonista, porém, nota-se um distanciamento cada vez maior desse estereótipo, o que resulta em sua exclusão por parte da comunidade hispânica.

A assertiva acima servirá de marco demarcatório para a análise desta faceta inicial identitária do rapaz a se desenvolver a partir de agora como pode ser observado no trecho a seguir:

Nosso herói não era um daqueles caras dominicanos que vivia na boca do povo – não se tratava de um rebatedor venerado, nem de um bachatero badalado, tampouco de um playboy cheio de mulheres aos pés [...] Salvo um curto período no início da vida, o cara sempre se deu mal com as gatas (um lado seu *nem um pouco* dominicano). (DÍAZ, 2009, p. 19).

O autor dominicano nos oferece a imagem de uma criança cujo perfil vai de encontro ao do padrão masculino heterossexual latino-americano rotulado como “normal”. Estas evocam, de acordo com Nolasco (1995), desde um comportamento visto como representativo da masculinidade, sempre associada com atos de virilidade e posse – ao mencionar “um playboy cheio de mulheres aos pés”³⁹ – até a *mera* associação de habilidades físicas, no caso destinadas ao esporte, com um indivíduo visto como “vitorioso”. Uma vez que é através da existência destes pré-requisitos que então se avaliará a masculinidade do garoto. O trecho a seguir daria uma demonstração deste fenômeno em relação às expectativas quanto ao comportamento de Oscar:

Naqueles anos abençoados da infância, Oscar era, de certo modo, um Casanova. Um daqueles moleques assanhados da escola, que tentava beijar as meninas a toda hora e sempre se aproximava delas por trás, nos merengues, movendo a pélvis; o primeiro cara a aprender o perrito e dançá-lo na primeira oportunidade. Como naquele tempo (ainda) era um garoto dominicano “normal”, criado numa família dominicana

³⁸ DÍAZ, 2009, p. 30

³⁹ DÍAZ, 2009, p. 19.

“tradicional”, a tendência a cafetão que despontava foi estimulada tanto pelos amigos quanto pela parentada. (DÍAZ, 2009, p. 19-20).

Observamos, pois, como a característica mais acentuada e evidente da masculinidade em questão remete à heterossexualidade associada com a necessidade de se afirmar, no caso da citação supracitada, através de práticas sociais que exaltam a tenacidade e intrepidez independentemente da idade. O garoto, se vê bem-sucedido, a princípio, seguindo o modelo desejável, “desbravando” o desconhecido, já que, de acordo com Díaz, “Todos os outros garotos da idade dele fugiam das garotas como se elas tivessem infectadas com a supergripe ‘*Capitão Viajante*’^{40,41}”.

A *passagem* reitera o que Nolasco afirma que o “ser homem” durante a infância é “assimilado desde cedo pelos meninos por meio de cobranças e exigências de atitudes no que diz respeito às meninas”⁴² uma vez que o personagem se encontra no ápice da valentia perante o olhar dos adultos ao socializar com o sexo oposto.

Consequentemente, atitudes assim o tornam um membro aceitável tanto pelos homens da sua esfera social quanto pelas mulheres em geral que “[...] admitiam sem pudor sua paixão por ele”⁴³. Fica evidente que, por detrás dos valores culturais dominicanos, encontram-se fortes estruturas de formação do masculino, cujas “[...] exigências viris, de posse e poder, bem como ser assertivo e competitivo sexualmente, mantém os homens presos à questão do desempenho”⁴⁴.

Contudo, contrariamente à descrição inicial, com o desenrolar da obra, vemos que Oscar acaba se distanciando deste perfil a partir de uma fixação amorosa que resulta em frustração; e, recluso, aos poucos ele vai se tornando vagaroso obeso, e infeliz.

Vejamos, então, como esta reviravolta assim se processa. A decadência do nosso herói começa a partir dos seus sete anos, quando o próprio se vê em um triângulo amoroso com duas garotas da sua escola, Maritza Chacón e Olga Polanco. O que seria algo possivelmente preocupante para alguns pais, para a mãe de Oscar e suas amigas era razão de admiração e orgulho, uma vez que “a representação social dos homens é constituída a partir do sexo, que se torna um dispositivo norteador para suas ações e intenções durante a vida [...]”⁴⁵. Infelizmente, após alguns dias, sua vida amorosa iria,

⁴⁰ Grifo nosso. *Capitão Viajante* é uma peste (supergripe, gripe azul ou *capitão viajante*) que alastra-se pelo mundo, matando em pouco tempo a quase totalidade da população mundial de acordo com o romance pós-apocalíptico de horror/fantasia *A Dança da Morte* (original: 'The Stand') do escritor norte-americano Stephen King, publicado originalmente em 1978.

⁴¹ DÍAZ, 2009, p. 20.

⁴² NOLASCO, 1993, p. 68.

⁴³ DÍAZ, 2009, p. 21.

⁴⁴ NOLASCO, 1995, p. 21

⁴⁵ NOLASCO, 1995, p. 19.

pela primeira vez, sofrer adversidades que futuramente iriam ser fatores decisivos no seu comportamento perante a sociedade. Perante o impasse da escolha de uma das duas, Oscar busca, de certa forma, o conselho do único adulto disponível na sua família, a mãe. Contrariamente ao esperando, Beli, ao ver o sofrimento do filho, se enfurece e agride-o.

Tal reação que nos leva a constatar que, em uma sociedade onde o patriarcalismo e a hipervirilidade são padrões de construção identitária não só o sujeito masculino é fator de preservação da regra, mas a própria contrapartida ideológica, uma vez que as mulheres fazem também este papel. Deste modo, somos introduzidos a uma sociedade onde:

Excluídas as manifestações de força física e violência, qualquer possibilidade de demonstração de ternura, carinho ou dor é diretamente associada a uma dúvida sobre a escolha sexual. Para um homem, ter os afetos fora das trilhas definidas socialmente para eles é sinal de que a heterossexualidade não vingou. (NOLASCO, 1995, p. 18).

No entanto, embora a decisão de com quem ficar teria deixado o menino descontente, nada poderia tê-lo preparado para o acontecimento seguinte. Após demonstrar sua escolha e jurar fidelidade a Maritza através do rompimento com Olga, Oscar se depara no dia seguinte com a sua namorada de mãos dadas com outro, consciente da presença de Oscar, mas ignorando-o com completa frieza. A reação da criança – não nos esqueçamos, um menino de sete anos – condiz com o esperado de qualquer indivíduo com a sua mentalidade, pois ao sentir uma “dor devastadora no peito que o apavorou [...] Sem mais nem menos, caiu no berreiro”⁴⁶. Se, de acordo com Nolasco (1993), “a experiência do abandono cumpre o papel de nos remeter à solidão e ao contato com nossa capacidade de construir a partir da ruptura entre aquilo que se espera e o que se encontra”⁴⁷. No caso do nosso protagonista, a sensação de derrota e frustração, o faz aceitar a decrepitude e decadência de todas suas fantasias.

O episódio, conseqüentemente, destrói amargamente, sua infância e toda uma subjetividade por meio da qual conseguia se identificar. A transformação da criança amada por todos para o adolescente antissocial acontece em um piscar de olhos, tanto física, quanto psicologicamente.

⁴⁶ DÍAZ, 2007, p. 24.

⁴⁷ NOLASCO, Sócrates. *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

A queda do garoto fica clara a partir do segundo ano do colégio, uma vez que, de acordo com o narrador, o protagonista “[...]já pesava colossais 111 quilos (118 quando se deprimia, o que sempre acontecia); então, ficou óbvio para todos, em especial sua família, que ele tinha virado o *parigüayo*⁴⁸ do bairro”⁴⁹. Sem dúvida alguma, Oscar ao ser apresentado ao leitor novamente, desta vez a partir da sua adolescência, exhibe as características de um sujeito cuja razão de viver se volta para a ingressão contínua no mundo fantasioso dos livros e a televisão, uma vez que, de acordo com Díaz:

Na época em que a gente aprendia a bater bola, a dirigir os carros dos irmãos mais velhos, a esconder as latas de cerveja vazias dos mais velhos, ele devorava sem parar Lovecraft, Wells, Burroughs, Howard, Alexander, Herbert, Asimov, Bova [...] Oscar lia com avidez um livro após o outro, um autor após outro, uma época após outra [...] (DÍAZ, 2009, p. 29).

Embora a transação de garoto “normal” para um *nerd* marginalizado tenha sido rápida, o autor faz questão de avisar ao leitor que “desde pequeno Oscar era nerd – o tipo de garoto que lia Tom Swift, adorava histórias em quadrinhos e via Ultraman – e, quando chegou ao ensino médio, já havia se entregado de corpo e alma ao gênero”⁵⁰. A razão dessa obsessão e dependência era óbvia, o rapaz, através desses mecanismos, era capaz de fugir de um passado doloroso e um presente ainda mais catastrófico que, como consequência, acabam afastando-o cada vez mais daquele ideal do homem dominicano que exibia na sua “idade de ouro”.

Ao ser apresentado por Díaz como o novo “parigüayo” da comunidade, duas questões entram à tona: a primeira que condiz com a importância da identificação social na qual o *ser diferente* resulta no repúdio e desdém por parte das pessoas próximas, e a segunda, que enfatiza a questão da negação de comportamentos que demonstrem “fraqueza”. Sendo assim, somos levados a interpretar, através do ponto de vista do autor, como a timidez, reclusão, apatia e falta de agressividade são vistos pelos dominicanos como atributos do não *ser homem*, uma vez que “[...] o homem educado, o menino que não reage as brigas, enfim, hoje qualquer um destes tipos recebe um olhar inquisitor que põe em dúvida sua preferência sexual”. (NOLASCO, 1995, p. 18).

Somos capazes de evidenciar, também, o questionamento sobre o perfil do masculino “tradicional” em foco e sua centralização na sexualidade através do entendimento do termo “parigüayo”, utilizado pelo autor para descrever o

⁴⁸ Grifos nossos.

⁴⁹ DÍAZ, 2007, p. 28.

⁵⁰ DÍAZ, 2009, p. 29.

comportamento de Wao. O vocábulo, aparentemente, gera um certo desconforto tanto para um nativo da língua espanhol quanto inglesa, visto que, a palavra é utilizada por uma cultura específica, a dominicana. Esse desconforto pode ser analisado como uma metáfora do que vivencia Oscar – um *geek* em um gueto norte-americano – uma vez que, assim como sua subjetividade, o neologismo é confuso. Portanto, para melhor compreensão, vemos como necessário apresentar sua origem histórica, associando-a com a imagem vista pelos outros de Oscar.

Primeiramente, a palavra é um termo pejorativo, uma “corruptela” do neologismo em inglês “partywatcher”, que de acordo com Díaz, surgiu durante a Primeira Ocupação Norte-Americana do país caribenho, que durou de 1916 a 1924. Conta-se que os membros das forças de ocupação norte-americana iam muito as festas dominicanas, mas que, em vez de participar da diversão, os forasteiros ficavam à beira da pista de dança, somente observando, provavelmente devido ao medo de socializar com os desconhecidos. Essa atitude foi associada ao termo em questão, definindo, atualmente, um sujeito com falta de hombridade e de proatividade em situações do cotidiano. Assim, ao levarmos em consideração que a noção do masculino está definida através da ação e seu papel na sociedade como um indivíduo cujo questionamento sobre fragilidades deveria ser inexistente, podemos observar que o nosso protagonista, não se encaixa no padrão requerido. Ele, muito pelo contrário, não conseguia mais ser nem sequer considerado dominicano, uma vez que:

Não possuía quaisquer dos Poderes Supremos do dominicano típico, não conseguia atrair moças nem se sua vida dependesse disso⁵¹. Jogava mal dominó, e era tão desengonçado que chutava bola feito menina e não dominava nenhuma atividade esportiva. Não tinha o menor talento pra música, negócios, dança, nem malícia, papo, grana. E, o que era pior: nem um pouco de charme⁵². Mantinha os cabelos meio crespos cortados estilo afro porto-riquenho, usava óculos fundo de garrafa – apelidados de “aparatos antiboceta” pelos seus únicos amigos, Al e Miggs –, deixava um repulsivo bigode ralo no rosto e tinha olhos próximos, que lhe davam ar de lesado. (DÍAZ, 2009, p. 28).

Os “Poderes Supremos”, apontados por Díaz, podem, claramente, serem associados à sexualidade, a qual, por sua vez, é associada à figura do Trujillo, criando, assim, uma identidade nacional cujo foco exalta a insaciabilidade sexual, machismo, poder e a hipervirilidade como qualidades necessárias para o ser dominicano. Em

⁵¹ Grifos nossos.

⁵² Grifos nossos.

contramão, o rapaz, apresenta atributos de extrema oposição àqueles considerados corretos, uma vez que ele “sabia escrever em élfico, falava chakobsa, diferenciava perfeitamente Slan de Dorsai de Homem-Lente, sacava mais do Universo Marvel que Stan Lee, era fanático por RPG”⁵³.

A representação estereotipada desse dominicano cujo centro envolve constantemente a preocupação sexual, isto é, o fato de ser capaz de ter e penetrar, se apresenta, constantemente, ao longo da narrativa; ela, busca retratar os personagens masculinos da obra como antagônicos a Oscar, que embora tenha a vontade, não tem a aceitabilidade por parte das mulheres devido ao fato de que “não sabia dançar, não era abastado, não andava arrumado, não tinha a menor autoconfiança, não contava com boa aparência[...]”⁵⁴. Seu autorreconhecimento, logo desde a sua adolescência, como um intruso dentro do seu próprio centro de convívio, o torna trêmulo e em constante temor, o que o faz sentir incapaz de mudar independente do auxílio de outros.

A dificuldade de nos tornarmos parte da comunidade na qual nos vemos inseridos é sempre um desafio a ser ultrapassado durante o decorrer das nossas vidas. Este ritual se torna parte da engrenagem que transforma a criança em um “homem”. De acordo com Nolasco (1993), as inseguranças e a angústia se tornam essenciais para moldar o sujeito heterossexual latino-americano tradicional, que está em constante disputa para demonstrar o seu valor aos mais próximos. As suas atitudes perante as ocorrências e dificuldades no seu processo de crescimento cultivará uma espécie de “valorizações do número de conquistas, da liberdade de ação, do espírito de aventura de dominação” que “estarão presentes como referências para a identificação masculina”. (NOLASCO, 1993, p. 67).

A partir da sua adolescência, Oscar, como temos analisado, encontra-se em uma jornada decadente, a qual se entrelaça, paradoxalmente, como a sua vontade de pertencer, de ser aceito, e, principalmente, de conseguir ter um relacionamento com uma garota como o resto das pessoas “normais” do seu bairro, mas, que ao mesmo tempo, não consegue se desprender dos mecanismos modeladores da sua essência “*geek*”, que são agentes consequenciais da sua vida amorosa frustrada, a qual, de acordo com o narrador:

Em qualquer outra parte [...] teria passado despercebido, mas acontece que estamos falando de um garoto dominicano, de família

⁵³ DÍAZ, 2009, p. 29

⁵⁴ DÍAZ, 2009, p. 277.

dominicana: o cara tinha que dominar o jogo no nível atômico, ter legiões de mulheres gostosas loucas por ele. (DÍAZ, 2009, p. 32).

Ao se deslocar das Antilhas para a América do Norte, Oscar passa por uma mudança física, assim como psicológica, processo que, com o tempo, vai marcá-lo definitivamente devido a suas limitações do corpo, pois é obeso. Acontece, portanto, uma construção parcial de sua subjetividade no contexto “tradicional” em um primeiro instante, durante a infância, mas, com o passar do tempo, este se distancia do padrão de sedução do homem latino, não sendo capaz de se identificar mais com seus conterrâneos ao entrar na sua adolescência e fase adulta. Assim, esse desenvolvimento fragmentado sofrido pelo nosso protagonista, não se encaixa nos moldes norte-americanos, e muito menos dominicanos; o fato dele pertencer a dois mundos, ironicamente, acaba excluindo-o de ambos devido às suas preferências *nerd* e à sua aparência física, distante daquela aceita pelo estereótipo latino. De acordo com Díaz, essa hibridização incomum:

Poderia ter sido uma consequência de ter nascido nas Antilhas (quem é mais sci-fi do que nós?) ou de ter vivido na RD nos primeiros dois anos de sua vida e, em seguida, abruptamente ter se mudado para New Jersey - uma simples troca de *greencard* mudando não só mundos (do terceiro para o primeiro lugar), mas séculos (do ponto de não ter TV nenhuma ou eletricidade para a abundância de ambas). Depois de uma transição dessas acredito, que apenas os cenários mais extremos poderiam ter satisfeito. (DÍAZ, 2009, p. 30).

Ao tentar categorizar o protagonista através de estereótipos “estáveis” utilizados ao se caracterizar uma comunidade em questão, chegamos a um impasse, visto que o jovem, embora infeliz, é completamente apático a mudança. Tanto o leitor quanto a família, são levados pelo autor a presenciar momentos agonizantes vivenciados pelo protagonista, nos quais o mesmo se vê atormentado pelo presságio de uma longa solidão existencial, mas, mesmo consciente da situação, busca remediar a dor através de uma solução mais rápida e descomplicada, o mundo virtual. Sua busca passiva em tornar-se o homem que deveria ser – de acordo com os padrões – muda ao perceber que nem mesmo seus únicos amigos, Al e Miggs, querem se encontrar com o garoto fora da sua casa. Isto se deve a vergonha que os rapazes sentem de Oscar, uma vez que, ao ser gordo, não consegue garotas, diferentemente dos dois. O abrupto choque de realidade, faz com que o rapaz repense por completo sua vida, e decida mudar, como podemos observar na citação a seguir:

Depois de passar a semana inteira se olhando no espelho, avaliando os ângulos, fazendo um levantamento, sem titubear, Oscar resolveu, no fim das contas, virar o boxeador Roberto Durán: No más. Naquele domingo, foi ao Chucho e mandou o barbeiro raspar seu afro porto-riquenho. (Me diz uma coisa, exclamou o sócio do Chucho. *Tu é dominicano mesmo?*) Depois, rapou o bigode, tirou os óculos, comprou lentes de contato com o dinheiro que ganhara no depósito de madeira e tentou refinar o que lhe restava de dominicanidad, tentou ser mais como seus primos arrogantes, de boca suja, no mínimo, porque começou a achar que talvez encontrasse uma solução na exacerbada masculinidade latina deles. (DÍAZ, 2009, p. 38).

A masculinidade “exacerbada”, apontada por Díaz, é vista sempre como uma ferramenta essencial ao se construir a identidade de um indivíduo heterossexual nos círculos sociais dominicanos. Juntamente com a agressividade e a visão de mundo articulada entorno da sexualidade, onde “a passividade, a quietude e a submissão são qualidades opostas àquelas pelas quais serão socializados os meninos” (NOLASCO, 1993, p. 68), a imagem do homem “próprio” na obra se generaliza em uma série de atitudes as quais são inexistentes em nosso protagonista.

De certo modo, muito do déficit nos parâmetros da masculinidade deve-se à falta da presença de homens como modelo a ser seguido ao longo do seu desenvolvimento infantil. Oscar, unicamente teve contato com mulheres – Lola, sempre protetora, e Beli. Apesar, da criação do jovem não ter tido uma relação íntima com uma figura paterna, a partir da qual este poderia ter definido o seu conceito de masculinidade, Beli nunca deixou de doutrinar Oscar da mesma forma que ela, quando jovem, foi instruída como “correta”. Ao reforçar as noções de masculinidade hegemônica dentro de casa e manter os papéis de gênero convencionais sempre presente, Beli, mesmo na ausência de qualquer figura de autoridade masculina, se propõe a criar um homem, mesmo através do ensino da violência como mecanismo de controle:

Tú ta llorando por uma muchacha? Agarrou as orelhas do menino até ele ficar e pé. Mami, para!, gritou a irmã, para! A mãe jogou o menino no chão. Dale um galletazo, disse ela, sem folego, aí vê se la putita não vai te respeitar. (DÍAZ, 2009, p. 23).

A busca pela formação da identidade dos filhos, de acordo com a tradição latina representada na obra, vê-se ligada, intimamente, com a masculinidade e suas expectativas sociais e culturais, uma vez que “para eles é necessário serem reconhecidos pela

virilidade. O controle da subjetividade dos homens é feito pela incitação e valorização do discurso sexual de aspecto eminentemente ‘machista’”. (NOLASCO, 1993, p. 68).

No caso do jovem nerd, a agressividade, que seria – de acordo com o mito da latinidade – inata e, por consequência, parte da sua subjetividade, é doutrinada através da mãe, a qual tenta passar a Oscar “os valores e as percepções sobre as mulheres transmitidos durante este período” os quais seriam, tradicionalmente, passados “[...] de avô para pai e de pai para filho”. (NOLASCO, 1993, p. 70)

Além de tentar ser “adestrado” pela mãe, Oscar sofre tentativas incessantes de doutrinação pelos outros membros da sua família, mas principalmente pelo seu colega de quarto na universidade, ex-namorado da irmã e narrador do nosso romance: Yuniór. Embora sem efeitos aparentes, este se sente na obrigação de assumir, dentro do período universitário de ambos, o papel de “educador”, principalmente ao se tratar de relações sexuais, ou seja, do ponto mais alto e moldador da “*dominidade*”.

Depois de ter tido uma epifania sobre o que e como gostaria de ser, Oscar tenta mudar. Na universidade, ele tem sua primeira oportunidade, já que, nas palavras do narrador, “o mano sentiu aquela puta euforia por se achar sozinho na universidade, livre de tudo, dono do próprio nariz, cheio de otimismo, pois ali, entre os milhares de jovens, encontraria alguém como ele”⁵⁵.

O sentimento de ter a oportunidade de ser seu próprio homem, e fazer seu próprio destino, finalmente sendo capaz de fugir dos estereótipos que lhe foram impostos desde novo e os incansáveis rituais que o jovem nunca conseguira efetivar, logo, em questão de pouco tempo, desaparece com absoluta rapidez. Oscar teria, tristemente, mais uma vez, um fim efêmero do seu sonho de se reinserir a sociedade como tanto queria, principalmente após a realização que:

A galera branca olhava para a sua pele negra e seu cabelo afro e o tratava com indiferença desumana, a de cor balançava a cabeça assim que Oscar abria a boca e se movimentava. Você não é dominicano. E ele insistia, repetidas vezes, Estão enganados. Soy dominicano. Dominicano soy. (DÍAZ, 2009, p. 57).

Mais uma vez, o jovem iria entrar em conflito consigo mesmo devido a uma identidade a qual lhe é negada pelas pessoas que o rodeiam. Suas decepções e tentativas frustradas de pertencer passam a afetar sua proposta de mudança, uma vez que este “já

⁵⁵ DÍAZ, 2009, p. 57

não sentia o mesmo otimismo”⁵⁶. Pela primeira vez, Oscar avalia como vilão da situação que passara o seu amor pelos assuntos *geeks*, mas embora quisesse “culpar os livros, a ficção científica”, o nerd “não conseguia – curtia aquilo demais”⁵⁷.

Após tentativas nulas de se socializar, e ao entrar numa depressão catalisada, novamente, pelo fato de sentir-se cada vez mais sozinho, Oscar tenta se matar indiretamente ao ingerir uma grande quantidade de álcool. Sua “tentativa” de suicídio, como já era de se esperar, serve como mais um agravante para distanciá-lo dos outros. É após este episódio que o narrador e figura que serve de contrapeso do protagonista principal entra em cena.

Yunior, o estereótipo do dominicano alfa, é apresentado por Díaz como um rapaz cuja conceituação do universo masculino gira entorno do sexo e a hipervirilidade, completamente diferente do nosso herói. Este decide morar com Oscar, uma vez que, nas palavras do próprio:

Naquele ano, eu tinha tirado o menor número da história no sorteio da lista de espera, o que significava que ou o durango aqui morava em uma casa ou ia para o olho da rua; assim sendo, apesar de toda a esquisitice de Damarest e dos infortúnios do Oscar, aquela era a minha melhor opção. (DÍAZ, 2009, p. 172).

Esse relacionamento inusitado e pouco provável reata os moldes do homem dominicano tradicional no dia-a-dia de Oscar, já que ao ter a presença de Yunior na sua rotina, o protagonista passa a cultivar de maneira indireta a vontade de reassumir o papel de *Don Juan* que assumira quando criança. Yunior, vê-se como um mentor pois sabia que embora Oscar “[...]pesava 139 quilos[...]

” e “[...]falava como um computador de *Jornada nas Estrelas*”, nunca existira “um cara tão fissurado por gostosas como ele. [...] Para ele, eram começo e fim, alfa e ômega, DC e Marvel. [...]”⁵⁸.

Observamos como a preocupação com o sexo oposto, assim como a prática do ato sexual em si, são tópicos fundamentais na singela existência do nosso protagonista, assim como a do narrador, criando, portanto, um laço de “professor-aluno” que se tornaria a ligação principal de ambos. Portanto, juntamente como seu novo colega de quarto, Oscar pretende, através de mais uma tentativa, alcançar o objetivo de provar que, diferentemente do que os outros acham, é um dominicano verdadeiro, como podemos observar no diálogo entre os amigos a seguir:

⁵⁶ DÍAZ, 2009, p. 57.

⁵⁷ DÍAZ, 2009, p. 58.

⁵⁸ DÍAZ, 2009, p. 175.

Uma bela noite, quando ele estava reclamando da sua vida miserável, eu disse: Você está a fim mesmo de mudar? Claro que estou, respondeu ele, mas tudo o que tentei até o momento malogrou. Eu vou mudar sua vida. Sério? O modo como me olhou – ainda me parte o coração, até mesmo após todos esses anos. (DÍAZ, 2009, p. 176).

A tendência de inúmeras gerações de latino-americanos nascerem fadadas a ter como “padrão de comportamento um conquistador, ou guerreiro imaginário, de apetite sexual insaciável”⁵⁹ cria uma visão autocrítica, muitas vezes mutiladora, com uma dose de ironia nessas noções de masculinidade. Essa autocrítica é vista ao longo da obra fazendo o protagonista se questionar, constantemente, se realmente é um “sujeito malfadado” cujo fim resultará em “morrer virgem” devido a sua falta de “pulcritude”⁶⁰.

A “dominicanização”, portanto, pela qual nosso herói deseja permear na sua terceira tentativa, entra em choque, com o preconceito que sucede a partir do ressentimento por parte das pessoas devido ao fato do peso do rapaz fugir de padrões estáveis. Embora a situação fosse desanimadora e lamentável, ela já fazia parte, infelizmente, da rotina do protagonista. No entanto, o que este não poderia ter esperado era o sentimento de aversão e indignação quando o próprio se encontra em processo de emagrecimento, como pode ser visto a seguir:

Vocês acham que as pessoas odeiam gente gorda? É porque não viu um balofo tentando perder peso. Fazia os caras se comportarem como tremendos balrogs. As garotas mais doces do mundo diziam os troços mais desprezíveis para ele na rua, as velhotas ralhavam, Nossa, você é repugnante, *repugnante*, e até mesmo Harold, que jamais dera algum indicio anti-Oscar, deu para chamá-lo de Jabba, o Bunda, do nada. (DÍAZ, 2009, p. 179).

Além das suas dificuldades com o seu peso, Oscar e suas frustrações afogavam-se cada vez mais no sentimento de desespero que, continuamente, era convertido, por sua vez, em angústia tomada pelo horror da possibilidade de ser o único dominicano a morrer virgem, de acordo com ele:

Daí, meu papo favorito: Yunior? Hã? Você está acordado? Se for sobre *Jornada nas estrelas*... Não é sobre *Jornada nas estrelas*. Ele deu uma tossida. Ouvi de fonte fidedigna que nenhum homem dominicano morreu virgem. Você, que tem experiência nessas

⁵⁹ NOLASCO, 1993, p. 69.

⁶⁰ DÍAZ, 2009, p. 178.

questões, acha que é verdade? Eu me sentei. O cara me olhava no escuro, sério pra cacete. O, vai contra a lei da natureza qualquer dominicano morrer sem trepar pelo menos uma vez. Isso, afirmou ele, suspirando, é o que me tira o sono. (DÍAZ, 2009, p. 176).

Apesar de todas as tentativas, a sua fisionomia corporal e identidade associada com assuntos relacionados ao mundo virtual, acabam trazendo à tona o lado nada dominicano do jovem, que resulta em agravantes acentuados de tudo que este se propõe a fazer. Mesmo com Yunion como seu “guru dominicano”, Oscar desiste novamente e recoloca sua vida nos trilhos tumultuosos que desde a adolescência tinha traçado. Isso acaba gerando um grande desentendimento com seu colega de quarto, assim como uma última desilusão amorosa que o levaria a uma tentativa real de suicídio, a qual, assim como a existência do protagonista, se vê frustrada.

Uma vez formado e de volta em casa, Oscar encontra-se entrecruzado por uma solidão inalterada e uma existência monótona, bem como previsível se levarmos em conta os acontecimentos sucedidos. Sua vida social, de acordo com o narrador, “naqueles anos iniciais em casa, não tinha nenhuma[...]”⁶¹ e a sua feição “simplesmente parecia cansado, nem mais alto, nem mais gordo, somente as bolsas sob seus olhos tinham inchado depois de anos de desespero silencioso”⁶². Consequentemente, após anos de ter seu pertencimento questionado por ambos mundos dentro dos Estados Unidos, o jovem decide voltar para o país caribenho para passar férias com sua família para tentar fugir das problemáticas da sua circunstância atual e a insegurança do seu futuro.

Em um diálogo com sua mãe após o convite desta para passar férias em família, Oscar afirma que seus “espíritos ancestrais”⁶³ teriam conversado com ele, e que seria a hora de voltar a suas raízes, confirmando, assim, a declaração de Rushdie na qual o autor afirma que “[...] exilados ou emigrantes ou expatriados são assombrados por algum sentimento de perda, algum desejo de recuperar, de olhar para trás [...]”⁶⁴.

2.2 “Sin perder la ternura”: a reversão de um constructo

Nas seções anteriores abordamos a trajetória do protagonista, que se projetara no cenário da obra sempre em total oposição às expectativas em torno de um garoto-padrão

⁶¹ DÍAZ, 2009, p. 264.

⁶² DÍAZ, 2009, p. 266.

⁶³ DÍAZ, 2009, p. 270.

⁶⁴ Tradução nossa de: “[...] exiles or emigrants or expatriates are haunted by some sense of loss, some urge to reclaim, to look back [...]”. (RUSHDIE, 1992, p. 11).

dentro do seu meio. Nesta seção, surpreendentemente observaremos como este quadro se reverte, ou, aparentemente, se soluciona.

Nela, vários elementos de cunho simbólico, ligados a construção do masculino padrão, serão revisitados, constituindo uma estratégia de feição paródica. Empreende-se, assim, uma crítica aos juízos de valor, na qual se mostra, então, como na contemporaneidade o indivíduo é dominado por meros constructos ideológicos.

No caso de Oscar, tendo sido negada a ele qualquer prerrogativa relativa ao masculino reconhecido como tal ou em sua plenitude, este, sempre marginalizado, reagira, sobrepondo-se a vários obstáculos. A maneira pela qual isto ocorre, surge, contudo, com um sabor de irreverência que lembra, e ao mesmo tempo desfaz, a possível projeção de um ideal romântico.

Deste modo, para tanto, uma retomada do enredo no futuro descortinará esta perspectiva de mudança.

Tendo considerado e aceitado o convite de Beli para visitar a família na República Dominicana, e após “alguns meses [...] depois de um confronto bastante desagradável com a Escuridão”⁶⁵, Oscar entra em um fluxo de otimismo de breve duração. No entanto, diferentemente das experiências passadas, nas quais nosso protagonista desistira quase que imediatamente, ele se recusa a desistir.

Daí, inicia-se, portanto, uma fase da sua vida na qual mudanças físicas são perceptíveis, embora não estivesse nem perto daquele padrão propagado pelas tradições do seu país. De acordo com o narrador, Oscar, “[...] tinha começado a fazer mais uma de suas dietas e caminhar lentamente pelo bairro. E adivinha o que? O cara não desistiu e acabou perdendo quase 10 quilos! Um milagro!”⁶⁶.

Sua reação, ou ameaça de reação, surtiria efeitos tanto físicos quanto psicológicos, mesmo após anos de solidão. O sentimento de ter chegado ao fundo do poço e ter voltado para “vida” teria exorcizado o trauma das tantas torturas que aceitara. Embora sua fissura pelo sexo oposto não tivesse mudado, sua atitude descontrolada ao aproximar-se das moças teria sido amenizada, propiciando-lhe socializações breves, mas significativas, como apresentada pelo autor a seguir:

No início do mês, tinha até chegado a puxar papo no ônibus com uma garota negra, que usava óculos; disse, Quer dizer então que você gosta de fotossíntese, e ela, por incrível que pareça abaixou o exemplar de *Cell* e respondeu, Gosto, sim[...] O cara tinha a nítida sensação, pela

⁶⁵ DÍAZ, 2009, p. 268.

⁶⁶ DÍAZ, 2009, p. 269.

primeira vez em dez anos, de estar renascendo; nada parecia incomodá-lo, nem os alunos, nem o fato de a PBS ter cancelado a transmissão do *Doctor Who*, nem a solidão, nem o fluxo interminável de cartas de rejeição. (DÍAZ, 2009, p. 270).

Assim, com aparente despertar de uma “nova face” para Oscar, com a chegada do verão, uma nova “diáspora” sucederia, mas desta vez, no sentido reverso. Como visto, grande parte dos dominicanos residentes na diáspora regressam, frequentemente, ao seu país de férias. O movimento de regressão diaspórica, se vê, pois, como uma migração momentânea, aparentemente, ordinária, descrita pelo autor como algo natural, já que:

Nessa época do ano, a capital da RD dava marcha à ré no motor da Diáspora e trazia de volta o maior número possível de seus filhos expulsos. Os aeroportos ficavam apinhados de gente vestida na maior estica; pescoços e carrinhos e carrinhos de malas rangiam sob o peso acumulado de cadenas e pacotes naquele ano, e os pilotos temiam não só pelos aviões – sobrecarregados até não poder mais – como por si mesmos; restaurantes, bares, boates, teatros, malecones, praias, hotéis, pousadas [...] ingenios pululavam com quisqueyanos de todas as partes do mundo. (DÍAZ, 2009, p. 270).

É a partir deste movimento geográfico que o rapaz o qual “[...] não passaria por um sujeito normal nem a pau”⁶⁷ e que “vestia camisa de nerd como um Jedi usava o saber de luz e o Homem-Lente, a lente”⁶⁸ teria sua última chance de recomeçar e, finalmente, incorporar quem sempre quis ser; e, ironicamente, onde tudo começou - sua pátria mãe.

Assim, como inúmeros *quisqueyanos*, Oscar “[...] após ter se recusado a sucumbir à voz interior comum a todos os imigrantes de longa data, à voz que afirma *Você não pertence mais a esta terra* [...]” entra em uma nova jornada com o fim de desconstruir a sua identidade de “garoto de cor, esperto e fã de livros” que morava num gueto norte-americano, o qual só lhe trouxera infelicidades.

As imagens construídas pelo rapaz por tantos anos, como cópias “fieis” da realidade – *sua* realidade – aos poucos viam-se desmanchando com o passar dos dias na ilha. Embora os olhares de desaprovação e as observações maliciosas o perseguissem, como era de costume, Oscar tinha “parado de se espantar com o fato de todos o chamarem de gordo (e, pior, de gringo) [...]”⁶⁹, dando, assim, espaço para a leveza de um novo recomeçar.

⁶⁷ DÍAZ, 2009, p. 29.

⁶⁸ DÍAZ, 2009, p. 29.

⁶⁹ DÍAZ, 2009, p. 276.

Se de acordo com Machado (1997), a imagem se constitui em um artifício para simular alguma coisa a que não se tem acesso direto, uma vez no seu país de origem – na realidade daquilo simulado na sua comunidade latino-americana nos EUA – o jovem começa a interagir com o real, aquilo cuja essência, na sua percepção, iria lhe trazer alegria, e mais, sensação de pertencimento. Somos capazes de observar esta declaração através das palavras de Yuniors, descrevendo as atividades do seu amigo:

Entre as fotografias que a Lola trouxe para cá, têm fotos do Oscar no pátio da casa lendo Octavia Butler, fotos do Oscar no Melecón, com uma garrafa de Presidente na mão, fotos do Oscar no El Faro a Colón, onde antes se situava metade de Villa Duarte, fotos de Oscar com Pedro Pablo em Villa Juana comprando velas de ignição, fotos de Oscar provando um chapéu no Conde, fotos de Oscar ao lado de um burro em Baní [...] Sorria muito, apesar do olhar desconcentrado.⁷⁰ (DÍAZ, 2009, p. 273).

O que se vê é o mundo do protagonista se transformando em uma imagem produzida pelo intuito de se tornar parte da esfera social a qualquer custo. Não se vê esta atitude, porém, como algo natural para o rapaz, pois, de acordo com Bauman (2005) o sujeito, é definido quando tem, de algum modo, certo tipo de relação com os grupos nos quais este se adentra, e não se dissociando deles, em outras palavras:

Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural”, pré-determinada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pedir acesso. (BAUMAN, 2005, p. 37).

Deste modo, ao tentar fazer parte das imagens que constituem o seu “novo” mundo, o personagem remascara a sua realidade e dá a ela um quadro mais “palpável” dentro das suas interações socioculturais. Se durante sua vida toda, este teria se poupado de muita coisa, optando muitas vezes pelo isolamento e o contato restrito com o mundo virtual, agora vinha abraçando toda oportunidade que o tornasse um indivíduo “normal”.

O fato de se encontrar no seu país e conseguir ver, pela primeira vez com um olhar diferente, seus arredores e o funcionamento verdadeiro da comunidade, a qual por tanto tempo quis imitar, faz o rapaz observar situações cotidianas que sempre estiveram

⁷⁰ Grifo nosso.

na sua memória, mas, devido a intermináveis causos traumáticos, teriam se desvanecido com o tempo, como por exemplo:

[...] o que mais tinha escapado da memória do rapaz era a beleza das mulheres dominicanas. Dããã, exclamou a irmã. Nos passeios de carro que Oscar fez naqueles primeiros dias, ele quase torceu o pescoço, de tanto se virar para olhar. Estou no Paraíso, escreveu no diário. (DÍAZ, 2009, p. 273).

A situação sugere uma ponderação sobre a imagem na contemporaneidade para o que a reflexão de Jean Baudrillard é significativa.

Para Baudrillard (1992), o simulacro é um procedimento relativo à produção de sentidos, e, por consequência, quanto mais próximo estiver da realidade menos deixará de ser uma representação, o fato do nosso protagonista aceitar de peito aberto todas as atividades sugeridas pela família o aproximam cada vez mais de um sentimento de completude identitária, tornando-o um “nativo”.

Essas situações que vão desde as mais corriqueiras como “[...] sem empanturrado tanto de chicharrones [...]” até práticas que este não tinha o costume de realizar como “[...] ter nadado no mar caribenho [...]” e “[...] ficar ébrio com mamajuana de marisco [...]”⁷¹, são apresentadas como símbolos da estrada tomada pelo protagonista com o intuito de deixar para trás um passado que se vê, como cada momento vivido no seu presente, mais distante. Desta forma, Oscar começa uma tentativa de desconstruir um sistema no qual a cópia do verdadeiro se estabelecia criticamente através da aceitação das tradições, rituais e códigos hegemônicos que o impediam de perceber o que haveria por trás de tais clichês.

Apesar de estar vivendo e aproveitando cada momento da sua vida como nunca o tivesse feito antes, a realidade cotidiana ainda lhe negava algo, por cuja falta ele se frustrara desde o início da sua adolescência: a esperança de um relacionamento amoroso pleno.

Ao considerarmos as barreiras da compreensão do real como tênues, somos capazes de conceber o motivo pelo qual o jovem teria construído para si, dentro dos parâmetros do simulacro e da pós-modernidade, uma realidade dentro da realidade da tela.

⁷¹ DÍAZ, 2009, p. 275.

Com o passar dos dias, nosso protagonista vai deixando escapar qualquer expectativa que remetesse a esse assunto em questão, no entanto, quando este menos esperava a vida lhe apresenta a pessoa que iria mudar por completo a sua trajetória:

[...] após ter concluído que sua fantasia de conseguir uma namorada na Ilha parecia mais uma piada velha – A quem é que *ele* estava tentando enganar, hein? [...] após ter passado uma semana escrevendo e (por incrível que pareça) negado, umas 50 vezes, no mínimo, as ofertas dos primos de levá-lo a um bordel, Oscar se apaixonou por uma prostituta semiaposentada. Seu nome era Ybón Pimentel, mulher que, para o rapaz, simbolizava o início de sua vida *real*. (DÍAZ, 2009, p. 277).

Ao negar-se, enfaticamente, a acompanhar seus primos para o bordel, Oscar ironicamente, estaria rejeitando aquilo que poderia ser considerado seu esperado sonho: a consumação do ato sexual. Este, porém, decide continuar em seu estado de estagnação carnal em vez de aceitar uma situação na qual o real tomaria o lugar da simulação, porém, de forma imperfeita, isto é, através do sexo pago.

Assim como Baudrillard (2004), cuja proposição no seu ensaio *O Sistema dos Objetos* apresenta a reversão da mentalidade contemporânea e uma ruptura com o sistema de representações, o personagem se nega a continuar neste esquema de substituição do real na sua vida. Seu comportamento diante da tamanha tentação é logo recompensado de forma majestosa e completamente inesperada, como pode ser observado a seguir:

[...] é aqui, galera, que o milagre começa – a mulher foi se sentar à mesa dele e perguntou: O que você está lendo? No início, Oscar não se deu conta do que ocorria e, então, a ficha caiu: *Merda* Uma mulher estava se dirigindo a *ele*. (Mudança sem precedente na sua sorte, dando a impressão de que a desgastada Meada do seu Destino tivesse se entrelaçado sem querer com a de um doidão, mais sortudo). (DÍAZ, 2009, p. 278).

O relacionamento entre os dois, rapidamente, escalara a um ponto de intimidade nunca sentido pelo protagonista. Se no passado as garotas sequer demonstravam o mínimo de afeição, gentileza e, muito menos, respeito, Ybón, contrariamente, sempre fora simpática, algo raro a se deparar depois de tantos anos. Ao se tornar a integrante ativa da relação, esta facilitara os diálogos e interações entre ambos ao se mostrar curiosa por aquele rapaz, articulando meios de se conhecerem melhor, como pode ser analisado a seguir:

[...] observando-o por sobre o ombro, talvez intrigada com aquela estranha figura, que evitava seu olhar a todo custo, ou talvez percebendo que estava louco por ela e se sentindo benevolente, fez o convite: Entra comigo. Vou servir uma bebida para você [...] Deu uma cerveja para ele, serviu uma dose de uísque dupla para si e, ao longo de seis horas seguintes, entreteve o rapaz relatando eventos de sua vida. (DÍAZ, 2009, p. 279).

Diferentemente das outras mulheres cujo contato Oscar teria tido ao longo da sua vida – sendo estas desde a própria mãe até suas pseudo paixões – Ybón fazia com que ele se sentisse apreciado. Além desse ponto substancial, o sentimento de poder sucumbir a horas e horas de simples passividade por parte do protagonista gerava um senso de ligação de interesse mútuo por ambas as partes; no caso dela poder ser o centro das atenções e do rapaz por ter uma “interação” com uma mulher. Ao ouvir os inúmeros relatos vivenciados pela moça sem sentir a necessidade de precisar igualar seu relato com alguma história inventada, faz com que o nosso personagem principal se desprenda do condicionamento social tão associado ao masculino no quesito de “independência, autonomia, autoconfiança, liderança nas relações de gênero e agressividade”.⁷²

Ybón é apresentada ao leitor como uma mulher decidida e segura, o que teria um efeito eficaz na consolidação da identificação de ambos no relacionamento: Ybon, a mulher experiente e Oscar, o nem tão jovem, porém, ingênuo.

Como visto anteriormente, o padrão do homem tradicional, propagado através de gerações dominicanas, mantém de forma intocável e inamovível aquele conceito de masculinidade que existe em contrapartida com a feminilidade. Nosso protagonista, pelo fato de se ver tão distante desse estereótipo, acaba isolando-se de qualquer relacionamento amoroso ou fracassando ao tentar coagir um.

Embora parecesse impossível associar Oscar a uma subjetividade “socialmente [...] nítida, precisa e bem resolvida”⁷³, observamos o que aparenta ser uma reviravolta no estado de autoconscientização do que rapaz gostaria de ser e ter.

Se durante anos este teria sempre abaixado a cabeça em qualquer tipo de confronto, após um tempo na ilha, ele começa a defender seus ideais e sua nova paixão, como pode ser visto no argumento entre as matriarcas de sua família e o jovem:

Sabia que aquela mulher é uma PUTA? Sabia que comprou aquela casa CULEANDO? Por alguns instantes, ele ficou estupefato com a

⁷² JABLONSKI, 1995, p. 158.

⁷³ NOLASCO, 1993, p. 129.

fúria de ambas, mas, em seguida, recuperou-se e retrucou⁷⁴, Sabiam que a tia dela era JUÍZA? Sabiam que o pai dela trabalhou na COMPANHIA TELEFÔNICA? (DÍAZ, 2009, p. 280).

Uma vez que seu período universitário acabara, e após a tentativa de suicídio, Oscar teria, aparentemente, desistido de qualquer tipo de relacionamento amoroso, perdendo as esperanças. Seu desespero e desilusão quanto a possibilidade da felicidade junto com outra pessoa, viria de uma assimilação da ideologia internalizada pelo rapaz, segundo a qual a rejeição do outro, redundaria na sua decisão de viver só, podendo “exorcizar da vida a dor de viver presente nas relações. Como se ao afastar o outro pudéssemos eliminar a dor de viver”⁷⁵.

Nesta fase final do romance, em vez de mergulhar nessa inércia afetiva, nosso personagem decide encarar a vida na sua completude, através do convívio com Ybón.

No entanto, em vez de repetir as atitudes nada sutis do “velho Oscar”, o qual teria procurado incessantemente a moça e declarado mil amores de maneira exacerbada, o jovem, na manhã seguinte do seu primeiro diálogo íntimo “[...] acordou e, apesar da tremenda agitação em seu coração e da vontade de ir correndo até a casa de Ybón e se acorrentar à cama dela, conseguiu se conter”⁷⁶.

Esse controle do seu sentimento lembra Homero quando o poeta grego na *Odisseia* pontua a importância de se praticar o *metrum*, ou seja, a medida, a quebra e a modulação do ritmo. Vê-se, claramente, como uma evolução da consciência do Oscar. Embora o ato exemplificado venha através de muita auto-restrição, juntamente com esse “milagre” – de acordo com o narrador – o posicionamento sobre o que este acredita e a retaliação acerca de tópicos dos quais o rapaz não concorda, surgem, gradativamente, nos diálogos cotidianos, mesmo que sejam feitos através da sutileza ou sarcasmo. Deste modo, podemos observar como o fato de se pronunciar sobre algo demonstra o crescimento da autoestima do protagonista principal, apesar de continuar sendo aquele dominicano-americano nerd inseguro de sempre.

Apesar de ter, aparentemente, desviado da trilha que durante anos seguira, para uma aparentemente mais amena, sua sorte rapidamente mudaria ao descobrir que a mulher pela qual tinha se apaixonado “pertencia” a um capitão da polícia militar dominicana. Ao não contestar seus instintos, em vez de refletir sobre o perigo da situação, analisar os pros e contra ou até simplesmente desistir, Oscar, ainda que

⁷⁴ Grifo nossa.

⁷⁵ NOLASCO, 1993, p. 131-132.

⁷⁶ DÍAZ, 2009, p. 281.

sabendo da necessidade de “[...] dar um basta nesta história agora mesmo”, era incapaz, pois “acontece que, no fundo, no fundo, tinha plena consciência de que não o faria. Amava Ybón”.

Nesta sequência dos fatos vê-se como a narrativa adquire o cunho paródico que apregoamos. Nem a sensação de poder estar em risco de morte, nem sequer os conselhos dos demais, poderiam fazer o rapaz mudar de ideia, desistir da pessoa que finalmente o fazia sentir-se aceito e pertencente a algum lugar. A aceitabilidade total por parte da mulher nos quesitos tão rejeitados pelas demais pessoas nublavam nele o julgamento do que seria certo o errado, e no final das contas, Oscar já tinha feito seu veredito: “[...] sabia que era tarde demais para fazer as malas e voltar para casa, como todas aquelas vozes vinham lhe mandando fazer; já era tarde demais”⁷⁷.

Mais cedo do que tarde, depois de consideráveis tentativas de Ybón em fazer Oscar repensar o caminho no qual o relacionamento – que já teria passado de amizade para semi-namoro – estaria tomando rumo, o rapaz, como era de se esperar, acaba se encontrando frente a frente com aquela figura tão semelhante ao semblante que girava entorno do ditador e a perpetuação da sua representação, pois era:

[...] um jabao esguio, de meia-idade [...] bem-vestido, com calças folgadas e camisa branca engomada, sapatos tão reluzentes quanto escaravelhos [...] um daqueles caras tão maus que nem mesmo o pós-modernismo conseguia explicar o motivo. (DÍAZ, 2009, p. 292).

Após uma longa discussão que sucedera durante um jantar regado de álcool com a moça, Oscar se depara com um inesperado, mas há muito tempo sonhado, acontecimento: seu primeiro beijo de verdade.

Este sucedido vem precedido de uma discussão cujo propósito era fazer o protagonista perceber a enrascada na qual ambos tinham se metido, mas diferentemente do objetivo dos argumentos da Ybón, o rapaz, mas do que nunca, afirmara com convicção o seu desejo de continuar na ilha, e conquistar o amor da moça, pois para ele, o ocorrido se assemelhava a um sinal, uma vez que:

Sentir pela primeira vez o corpo de uma mulher se pressionando contra o seu – quem dentre nós pode se esquecer disso? E dar o primeiro beijo de verdade – bom, para ser sincero, já nem me lembro desses encontros iniciais, mas Oscar jamais se esqueceria. (DÍAZ, 2009, p. 291)

⁷⁷ DÍAZ, 2009, p. 290.

O fato de Oscar, por um bom tempo, ter assumido uma negação da realidade ao se recusar-se a acreditar no perigo pelo qual estaria passando, se esvai enquanto uma ilusão romântica, quando é confrontado por ninguém menos do que o *capitán* de Yibón, que o persegue e o surpreende após o encontro com a amada.

Deste modo, na medida em que o personagem procurou apagar da sua vida tudo aquilo que lhe causava alguma sensação de desgosto, inadvertidamente, também eliminou o senso comum que o alertara do risco para a sua integridade física ao entregar-se de corpo e alma ao amor sem titubear.

Sente-se aqui então que as barreiras do prosaico e do fantasioso começam a ser diluídas, e que a gravidade da situação houvera sido subestimada, uma vez que “o capitán o agarrou pelo pescoço”⁷⁸ e ameaçara matá-lo se não se afastasse da sua *mujer*.

Com isto o rapaz entra novamente em um estado de negação da realidade, recusando-se a aceitar os fatos. Ao repetir algumas vezes “Ybón me disse que você era o ex dela [...]”, este deixa uma mensagem no ar, uma assertiva a qual soa como ironia, devido a todos os antecedentes já narrados em casos semelhantes; a partir deles, sabedores da total falta de garantias civis na República Dominicana.

Resta aos leitores se perguntarem se o ato era insano ou heroico; ou, simplesmente, alienado. A argumentação de não ser culpado de nada, e, portanto, teria o “direito” de estar com a moça por ela ser uma mulher livre soa como pilheria, ou frase hollywoodiana. Desta maneira, depois de anos de passividade e covardia, vemos seu primeiro ato de “valentia”, a qual é um prenúncio do fim, levando-o quase a morte.

A sequência de cenas em torno desta reação heroica de Oscar dialoga com a abordagem sobre apropriação paródica ao longo de narrativas da pós-modernidade segundo Linda Hutcheon (1985). De acordo com Hutcheon, a paródia pode ser considerada uma capacidade interartística que “subverte a singularidade romântica” e aponta para a necessidade de se reavaliar todo o processo de composição textual desnudando-lhe o veio crítico.

Díaz nos proporciona, então, a imagem de um jovem “cavaleiro” que enfrenta suas deficiências e reluta para se reconstituir enquanto sujeito pleno, assumindo a figura do herói, como podemos observar a seguir:

[...] Oscar tentou recobrar a fala, mas não conseguiu. Estava abalado demais. (Nesse tipo de situação, sempre achou que seu herói secreto

⁷⁸ DÍAZ, 2009, p. 294.

apareceria e quebraria pescoços, como Jim Kelly, mas pelo visto, ele estava por aí, fazendo um lanche). (DÍAZ, 2009, p. 295).

Hutcheon, afirma que a paródia não se constitui de imitação nostálgica de modelos passados, mas de um fenômeno que envolve a recontextualização de modelos e a conseqüente alteração dos sentidos. Deste modo, a narrativa na qual o protagonista se vê envolvido apresenta alicerces que giram entorno daquele herói romanesco, cujo propósito frequente consiste na busca do amor puro e inalterado, porém, dotados de uma autoconsciência da representação, ou seja, ironia paródica.

Seguindo esse raciocínio, de acordo com Maria Lucia Aragão, Díaz se transforma em um parodiador cujo objetivo é fazer perceber a necessidade de novas “verdades” em seu meio cultural, uma vez que os moldes seguidos em sua época precisam ser questionados e substituídos. Desta forma vemos como através da:

[...] recusa em aceitar os modelos literários vigentes ou os mitos, ou os procedimentos, ou melhor, tudo aquilo que compõe o acervo cultural de sua época, o parodiador está denunciando a sua preocupação com os elementos que servem a esta estrutura já esgotada, que é preciso esvaziar, para poder preencher com algo novo. Por vezes a paródia fica camuflada sob certos tipos de disfarces, nos quais não percebemos, de imediato, a intenção do autor. Geralmente, o recurso de falar de outras épocas, de culturas ultrapassadas, é empregado como crítica à ideologia vigente em sua própria época. (ARAGÃO, 1980, p. 19).

Esse constructo do herói, o qual é fadado de ousadia, valentia e coerência em grau maior aos meros homens, se entrecruza parodicamente com os atributos nada louváveis do nosso protagonista, que, embora íntegro e possuidor de um coração de ouro, em nada se assemelha fisicamente aos destemidos personagens das obras romanescas.

Ao recobrar a consciência em uma cama de um hospital, três dias depois de ter sido severamente agredido pelos comparsas do *capitán*, Oscar se nega a fazer planos para voltar à América provando mais uma vez que seu desejo pela mulher transcendia qualquer racionalidade. Embora fosse fortemente repreendido pelos familiares, sua preocupação central recaía no estado de saúde de Ybón, que não via a hora de encontrá-la de novo. Essa atitude, acompanhada de forte rejeição aos pedidos da mãe para sair da ilha, nos apresenta um protagonista cuja vida já fora, então, traçada pela sua própria escolha.

No entanto, diferentemente do cenário pitoresco onde a donzela se joga nos braços do cavaleiro, após este ter encarado o perigo em nome do amor, ao ter seu primeiro contato com Ybón depois de sua experiência de quase morte, a moça pede para eles terminarem tudo, como pode ser visto a seguir:

Ybón pousou a mão na do amigo e comunicou que nunca mais poderia vê-lo [...] Mostrou as páginas que escrevera. Tenho tanto para versar com vo --- [...] Eu e o --- vamos casar, revelou ela, de modo brusco. Ybón, disse ele, tentando encontrar as palavras, mas ela já tinha ido embora. (DÍAZ, 2009, p. 302-303).

Oscar, com o passar dos anos, teria se tornado um mestre em contorcer e alterar imagens da sua realidade tornando-as em simulacro, através das aventuras de RPG, jogos de eliminação, ficção científica e outras tomadas de cunho cinematográfico, cujo entendimento sempre seria algo como uma transferência não da tela para a vida, mas da própria vida enquanto tela. Durante este tempo na pátria mãe, o rapaz teria internalizado como mecanismo de sobrevivência a negação da realidade, cujo término teria acontecido depois da brutal notícia de Ybón sobre o fim do relacionamento.

Após mais uma derrota contra o malfadado destino, ele, embora aparentemente abatido, por fim, sucumbe ao pedido de Belí para voltar para Peterson. Uma vez de volta, porém, somos capazes de observar um protagonista cujo inconsciente batalha contra a estagnação da sua vida amorosa mais uma vez. O narrador nos apresenta o duelo fictício entre o enfrentar seus temores, ou fugir deles através dos sonhos. Nestes o personagem se veria constantemente no mesmo canavial, onde quase fora morto, fugindo do perigo.

Como mais uma narrativa oral de caráter popular a ser resgatada, reverenciada, e/ou ridicularizada, não se pode olvidar a crença internalizada na família, de que a mesma estaria amaldiçoada. Oscar vê nos seus sonhos certos sinais que lhe ofereceriam uma saída e assim, depois de um longo tempo fugindo do que estes tentavam lhe dizer:

[...] dessa vez, em vez de bater em retirada quando os gritos iniciavam e os ossos começavam a quebrar, reuniu toda a coragem que tinha e teria na vida e se obrigou a fazer a única coisa que não queria, algo a que tinha ojeriza. Escutou. (DÍAZ, 2009, p. 305).

A mensagem captada através dos seus sonhos ressoa, então, no ar como uma vinheta: “precisava [...] pegar um voo de volta. Que se foda o capitán [...] Que se foda o mundo inteiro”⁷⁹.

Um fato curioso que acontecera durante o pouco tempo que o protagonista ficara nos E.U.A. refere-se não só a sua mudança brusca no quesito psicológico, mas também físico. Um pouco antes de fugir de volta para ilha, Oscar teria passado para visitar seu antigo companheiro de quarto e melhor amigo, Yunior. É durante esta visita que se nota, então, através da descrição do colega e narrador, um sujeito “meio distraído, mas tranquilo”, embora “seu rosto continuava todo ferrado, com o lado esquerdo meio caído”. Sua feição, depois de tamanha surra, obviamente, não passara despercebida por Yunior. Porém, mas o que mais chamara a sua atenção, teria sido sua perda de peso considerável, além da sua tranquilidade, nas palavras do próprio: “Naquele último dia, no sofá do apartamento, parecia um sujeito de bem consigo mesmo [...] Vocês precisavam ter visto. Magérrimo, pois tinha perdido todo o peso e calmo, calmo”⁸⁰.

Observamos, pois, como Oscar chega ao ponto de abrir mão de sua própria segurança para poder voltar a ilha, ludibriando seu colega, pedindo-lhe dinheiro para o primeiro aluguel de um novo apartamento em Peterson, embora a quantia fora para comprar uma passagem só de ida para a República Dominicana.

A determinação apresentada pelo nosso protagonista só não fora maior que seu desejo de recuperar a mulher da sua vida, o que, para se tornar realidade, apresentaria uma série de obstáculos envolvendo atribulações e risco de morte. Assim, observamos como aquele indivíduo gordo e nerd, vai se transformando, não em um mocinho romanesco, isto é, totalmente bom, sem fraquezas, mas, ironicamente, em um “herói problemático”.

Ao contrário do herói romanesco ou épico, nosso protagonista se mostra cheio de fraquezas, características estas que o fazem abrir mão, propriamente, de sua segurança em favor de um ideal, a força mais expressiva do ser humano.

Deste modo, ao chegar na ilha, Oscar, prontamente, decide ir até Ybón e declarar seu amor. No entanto, como fora de se esperar, a moça denega seu sentimento pelo rapaz devido ao medo de que algum infortúnio possa lhe acontecer, mesmo depois do nosso protagonista explicar que nada o faria mudar de ideia, pois “[...] a amava mais do que o Universo e que não havia nada que ele pudesse fazer [...]”⁸¹.

⁷⁹ DÍAZ, 2009, p. 304.

⁸⁰ DÍAZ, 2009, p. 310.

⁸¹ DÍAZ, 2009, p. 314.

Após dias de tentativas frustradas, e após todo mundo que conhecera procurasse fazê-lo entender o perigo no qual tinha se entremetido, nosso personagem principal se recusa a aceitar as sugestões em contrário, pois, ele já tinha se decidido: não iria a lugar nenhum. Assim, podemos analisar sua “teimosia” como um ato de imposição que há tanto tempo teria se mantido inativa no inconsciente do rapaz; o amor, no entanto, o teria feito despertar, e com isto, gerado um grande desconforto na sua família. Esse novo Oscar, decidido e firme, nunca teria se manifestado antes, portanto, seu comportamento reativo surpreende a todos como se pode observar no diálogo com a irmã e *abuela*:

Oscar a escutou e, em seguida, explicou, com calma, que Lola não entendia bem o que estava em jogo. Eu entendo muito bem, sim, gritou ela. Não, disse ele, triste, não entende, não. A Abuela tentou exercer seu poder e usa A Voz, porém o neto já não era o garoto que ela conhecera. Algo havia mudado, agora uma força interior emanava do rapaz. (DÍAZ, 2009, p. 317).

Como era de se esperar, vinte sete dias depois do seu retorno, das inúmeras tentativas de fazer de Ybón a sua mulher e de ter “ignorado” as ameaças do *capitán* e seus comparsas, finalmente, Oscar se encontraria com o destino com o qual tanto sonhara: mais um encontro com a escuridão dentro do famigerado canavial.

Em uma noite como qualquer outra, na qual nosso personagem estava à procura da retificação do seu relacionamento com a moça, dois homens, entraram no taxi ocupado por Oscar. Estes, já conhecidos pelo rapaz e denominados pelo narrador como *Gorilla Grodd*⁸² e *Solomon Grundy*⁸³, estariam dentro do automóvel para acabar aquilo que começaram: a morte do nosso protagonista.

Diferentemente da primeira vez, na qual Oscar ficara apavorado e “[...] tão desconcertado e amedrontado que mijou nas calças”⁸⁴, desta vez ele teria mantido a calma e, em momento nenhum, teria tido reações típicas daquele antigo nerd cujo contato com situações que requeressem coragem somente teriam acontecido através da tela e do mundo virtual. Vemos, pois, um sujeito cujo destino, teria, aparentemente, sido cruel o suficiente para deixar que perecera sem ter conquistado seus objetivos e experimentado o amor. No entanto, como observaremos a seguir em um diálogo entre

⁸² Vilão da *DC Comics* das histórias em quadrinhos conhecido pelo seu papel de antagonista do super-herói *Flash*. Possuidor de imensa força, Grodd é um gorila cuja faculdade metal teria sido ampliada por visitantes alienígenas.

⁸³ Vilão da *DC Comics* das histórias em quadrinhos quase sem mente e dominado por emoções violentas que o levam a ataques de fúria, morte e destruição.

⁸⁴ DÍAZ, 2009, p. 294.

os capangas e o taxista, Oscar, não teria aparentado desgosto nenhum, sentido infelicidade ou se quer tristeza mesmo tão próximo ao seu mais que certo fim:

Clives chegou a implorar aos sujeitos que poupassem o rapaz, mas eles riram, Tu devia era se preocupar contigo mesmo, sugeriu Grodd. Oscar deu uma risada também, apesar do maxilar quebrado. Não se preocupe, Clives, disse o rapaz. Eles chegaram tarde demais. (DÍAZ, 2009, p. 318).

A desventura final que recai sobre o nosso herói se apresenta através de um modelo semelhante ao da tragédia clássica, mantendo, porém, parodicamente com o épico, facetas como a dignidade e honra de um personagem heróico ao longo da sua missão. No entanto, a passagem distingue-se das narrativas de herói, uma vez que o autor nos apresenta um protagonista cuja condição de oprimido contrasta com o optimismo libertador do épico, dando lugar, deste modo, a um certo pessimismo caótico, aniquilador, trágico.

Portanto, embora a narrativa nos leve através da sua fluidez ao que aparenta ser o triste fim de um indivíduo negligenciado e excluído pelas infelicidades do destino, somos tomados de surpresa por um monólogo tão fantástico e profundo quanto inesperado por parte de Oscar. É por meio das suas palavras finais que nos deparamos com um protagonista cuja evolução de autoconsciência teria chegado ao ápice da consonância com sua realidade e seu propósito; aquela que lhe fora negada por tantos anos. Deste modo, ele aceitara seu destino, tornando-se – ou ao menos era o que este pensara – um herói, mesmo que de nada isso lhe servisse para prevenir sua morte. Vemos este minuto de lucidez antes dos capangas finalizarem a vida do nosso protagonista:

Ele disse a eles que o que estavam fazendo era errado, que eliminariam uma grande paixão do mundo, que o amor era algo raro, facilmente confundido com milhares de outros sentimentos e que, se havia alguém ciente disso, era ele próprio. Contou-lhes sobre Ybón, deixando claro o quanto a amava e o quanto os dois se arriscaram e o quanto tinham em comum, já que haviam começado a ter os mesmos sonhos e a usar as mesmas palavras. Contou-lhes que fora apenas por causa do amor dela que ele fizera o que havia feito, algo que os dois não poderiam mais impedir, contou-lhes que se eles o matassem, muito provavelmente não sentiriam nada, tal como os seus filhos, até estes estarem velhos e fracos e prestes a ser atropelados por um carro; daí eles sentiriam a presença de Oscar, que os estaria esperando no além, e lá, ele não seria um gordo nerd, nunca amado por uma mulher, mas sim um herói, um vingador. Porque nós podemos fazer com que

nossos sonhos (ele ergueu a mão) se tornem realidade. (DÍAZ, 2009, p. 320).

Se, durante anos, nosso protagonista teve sua existência rejeitada por não corresponder às características do dominicano padrão, uma vez que era gordo, sem malícia, e gostava de livros de ficção científica, além de não saber flertar com as mulheres, no final da sua vida, este teria consolidado seu próprio ideal de homem ao ter reconhecido que sua existência ia muito além desses estereótipos. Mesmo sendo uma antítese do macho latino, ele supera suas deficiências e limitações através da sua força de vontade e determinação, cujas facetas vemos em heróis de cunho ficcional literário. No entanto, ironicamente, seu único suspiro de valentia incondicional seria também seu último, já que este acaba gerando seu assassinato. A narrativa da sua vida, portanto, apresenta um tom de sutileza irônica que constitui sua subjetividade ao mesmo tempo que Oscar se descobre, e com isto também desvenda o amor, gerando uma reação em cadeia que iria levá-lo ao seu fim.

Por outro lado, o narrador, após a morte do seu amigo, nos apresenta, através de uma última carta enviada por Oscar antes da sua fatalidade, um sujeito de bem com a vida, uma vez que:

[...] o palomo conseguiu, *de fato*, tirar Ybón de La Capital? Os dois passaram um fim de semana inteiro numa praia em Barahona [...] Ybón realmente o *beijou*. E sabem do que mais? Também *transou* com ele. Louvado seja Deus! (DÍAZ, 2009, p. 332)

A maior surpresa para nós leitores, assim como para o próprio Oscar, se centra no fato deste, após finalmente ter conseguido consumir seu amor com a Ybón, ter descoberto a importância suprema da intimidade, que ultrapassa o simples pecado carnal, como podemos observar na sua última carta:

[...] entretanto o que o tinha tocado de verdade não fora o bambambã do sexo, e sim as pequenas intimidades com as quais nunca nem sonhara, como pentear seus cabelos ou tirar sua roupa íntima do varal ou observá-la caminhar nua do quarto ao banheiro ou abraçá-la quando ela se sentava no seu colo e encostava o rosto na sua nuca. Intimidades como ouvi-la admitir que não passava de uma garotinha e revelar a ela que fora virgem até aquele momento. (DÍAZ, 2009, p. 332).

Ele esteve em busca de sexo, mas descobre, mais do que isto, intimidade, algo cujo valor jamais teria passado pela sua cabeça. Deste modo, Oscar torna-se um homem, um ser humano cuja descoberta acontece apesar da sua vulnerabilidade. Assim, a única maneira dele se socializar com outro ser humano ocorre através da autorrealização emocional, uma vez que a sua fantástica, porém breve, vida se desenvolve juntamente com sua subjetividade, a qual, durante anos, esteve “fora de seu lugar”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos pressupostos aqui apresentados, relativos à reconhecida perda de referências do sujeito pós-moderno, e a conseqüente fluidez na caracterização, torna-se ponto passivo a aceitação do fato de que, do ponto de vista sócio-ideológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para que tal fato vem a acontecer.

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, bem como pela memória coletiva e pessoal, passando pelos aparatos de poder em quaisquer das instâncias em que este se nos apresente, quer seja de cunho político, religioso, institucional, etc. Todo este corpo de ideias é processado pelos indivíduos, e/ou grupos sociais que reorganizam, por sua vez, significados e valores em função de diversas tendências e/ou projetos consolidados nos quais se espelhem.

Neste processo, a visão de tempo/espço correspondente a eles representaria um papel importantíssimo, mostrando-se como altamente reveladora de sua constituição. (CASTELLS, 2000, p. 23).

Neste plano de interesses conflituosos, o reconhecimento da subjetividade se mostra como um campo aberto à reflexão e retomada de posições. Mais especificamente, no cenário da contemporaneidade ganham cor e relevo representações voltadas para este embate de forças, ou seja, concebidas em torno do sujeito diaspórico e seu lugar nos pós-modernidade.

Em relação ao cânone literário, por sua vez, este tem sido enriquecido por uma ficção cujo fulcro é a retomada da história, propiciando-nos a oportunidade de repensá-la, subvertê-la, questioná-la. Assim, esse retorno ao passado teria como intuito fundamental elucidar e orientar o presente, como, também, melhor compreendê-lo.

Sendo assim, este estudo assumiu empreender uma crítica do olhar hegemônico sobre as comunidades e povos latino-americanos marginalizados residentes nos Estados Unidos e suas transformações identitárias associadas a inúmeros fatores. Dentre estes, destacam-se a translocação do indivíduo da pátria mãe ao exílio, a interação resultante do conflito deste com os novos espaços urbanos com os quais se defronta, o sentimento de perda do sentido do lar, de suas tradições, e as tentativas de como lidar com esta lacuna.

Tais elementos se mostram, desta forma, ricos no que tange à concepção de tipos resultantes do entrecruzamento de parâmetros de classe e raça.

Dentro destes aspectos, a obra *A Fantástica Vida Breve de Oscar Wao*, de Junot Díaz, apresentou um recorte ímpar na cena literária atual, através de uma narrativa por meio da qual somos capazes de discernir como o deslocamento humano e a transculturação conseguinte criam indivíduos cujas subjetividades híbridas transcendem as barreiras geográficas, políticas e históricas.

Para tal, esta análise apoiou-se num conjunto de variáveis que contemplam dados sócio-históricos, tanto dentro quanto fora da República Dominicana, tomando como ponto de partida estudos sobre espaços urbanos racializados, atentos a situações típicas vivenciadas por estes expatriados que os levariam, ora a adotar posturas consideradas adequadas na nova comunidade em que se inseririam, ora nostálgicas, tentando resgatar uma memória e uma subjetividade perdidas.

Desta forma, realizou-se em primeiro lugar uma revisão teórica sobre as nuances fundamentais dos conceitos de espaço e lugar como mecanismos capitais para formação de identidades. Apresentaram-se perspectivas de diversos autores cujas assertivas giram entorno da importância do tratamento de raça e o espaço geográfico racializado como fator de construção cultural nacional por parte do povo muitas vezes forçado ao exílio. Nas várias teorias abordadas, apresentadas por Neely & Samura, Berry & Henderson e David Harvey observamos como os espaços habitados por estes indivíduos passam a ser cruciais para a construção de suas identidades, fenômeno este retomado adiante e bastante exemplificado ao longo dos comentários da narrativa de Díaz.

Em seguida, logo, adentramos o processo teórico relativo a sistematização e composição das identidades, com foco na flexibilização inerente às mesmas na pós-modernidade, criticando o modo como estas teriam sido representadas, e alteradas, ou avaliadas ao longo dos anos.

A partir dos aportes teóricos apresentados, projetou-se a crítica do estereótipo padrão internalizado por indivíduos latino-americanos o qual se constitui ao lado de outras crenças e tradições, enquanto um essencialismo arraigado tende a recriar, através de um constructo, outrora eficiente, um padrão de masculinidade problemático sob os olhos da sociedade moderna.

A narrativa de Díaz, é, assim, gerada sobre um entrelaçar das nuances acima citadas, focalizando o cotidiano da esfera sociocultural de representantes diaspóricos da República Dominicana, os quais se veem em sua nova realidade.

Ao levantarmos um paralelo entre a biografia de Díaz e sua obra, podemos apreciar os inúmeros recursos dos quais este se utiliza para recontar um capítulo traumático na história dominicana, suas graves consequências detectáveis no seio da na

cultura caribenha e de quem quer que, tendo uma consciência política e acadêmica, ou acadêmica e política, esteja ligado à trajetória desta comunidade, ou comunidades como esta, espalhadas por inúmeras cidades estado-unidenses.

Desta forma, o romance contribui, para a apreciação da construção de geografias literárias da região do Caribe e suas diásporas, atentando para as respectivas vivências e emoções de seus habitantes, bem como para a violência ideológica de gênero e raça que as envolve.

Ao admitirmos o sentido abrangente da diáspora, ou seja, como algo além de meros deslocamentos, observamos como esta envolve, simultaneamente, um deslocamento de uma consciência, isto é, um modo de produção o qual implica a desestabilidade de modelos culturais fixos na pós-modernidade. (HALL, 2003).

Podemos pensar no sujeito desta pesquisa como um complexo de identidades localizado em meio a uma teia de relações que nos levariam a questionar premissas, todas gravitando em torno deste questionamento, ou seja, a representação do masculino enquanto mito.

A questão, entrou, assim, no nosso contexto específico, através da figura do déspota Rafael Trujillo. Este representante, símbolo de temor e da cólera por parte dos dominicanos, se mostrou associado com o padrão básico do indivíduo dominicano, concebido a partir deste constructo de um masculino dito “tradicional”. Esta figura impregna o imaginário do dominicano padrão reforçando uma visão essencialista de masculinidade / violência / opressão / impunidade.

Ou seja, mesmo detestado, o ditador surge, no horizonte de expectativas desta comunidade, como uma espécie de *blue-print*, por detrás da constituição da personagem masculina, seja por rejeição, seja por imitação pura e simples, via cobrança de terceiros.

Com exceção, portanto, do protagonista, que se ressentido deste quadro, uma certa materialidade física de violência determina a representação da masculinidade hegemônica, calcada nesta figura que serve como modelo a ser seguido.

Como Oscar não se encaixa nem de longe deste modelo, ele se refugiará no mundo do simulacro, dos construtos pós-modernos de herói, no qual ele se perde.

Portanto esta noção, segundo Baudrillard, serviu efetivamente para a análise da obra, pois observamos como a sociedade moderna ocidental, se encontra cada vez mais saturada destes signos; elementos simuladores de realidades inexistentes, que ganham corpo e peso real.

Assim, nosso protagonista alinha-se, literalmente, nesta órbita de uma realidade “construída”, saindo da ficção para seu o real, e encontrando ao mesmo tempo, o amor e o perigo, ou qual trata irreverentemente, como num jogo virtual, determinando seu fim.

Todo o tratamento da questão nos remeteu, enfim, ao uso intencional da paródia segundo Hutcheon e, por sua vez, ao descrédito da contemporaneidade por quaisquer narrativas. Desconstrói-se, assim, nas páginas do romance de Díaz a história, ou seja, a ilusão de se descrever uma realidade, a crença no homem cartesiano concebido pela razão, isto é, sem quaisquer condicionantes tais como gênero, cultura ou contexto.

Tal perspectiva é essencial para a compreensão da pós-modernidade, do borramento de fronteiras entre o real e o simulado, entre o presente e o passado, entre o histórico e o ficcional, uma vez que à luz da compreensão de hoje seriam todos estes meros discursos.

Por fim, ao acompanhar a trajetória errática de Oscar Wao, este estudo se constituiu como mais uma contribuição para o reconhecimento da relevância do tema sujeito diaspórico na ficção atual, da importância das intensas relações interculturais, em especial da penetração de Junot Díaz, e da ficção dominicana no cenário acadêmico atual.

A partir dele, cremos, podem-se projetar outras obras e outras comunidades modernas marginalizadas, com discursos semelhantes, nos quais se vê, como o exílio separa, mas também faz repensar, indivíduos, experiências, espaços e lugares. E a literatura, cuja essência gira entorno da construção de identidades, traz à tona, este senso de errância da subjetividade, sempre “sob rasura”⁸⁵, registro e, ao mesmo tempo, fonte da ficção e da memória.

⁸⁵ HALL, 2009, p. 104.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPADURAI, Arjun. 1997. *Soberania sem territorialidade*. Notas para uma geografia pós-nacional. *Novos Estudos Cebrap*, 49: 33-46.
- ARAGÃO, Maria Lúcia P. A paródia em A Força do Destino. In: _____. *Sobre a paródia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982
- BADINTER, Elisabeth. *XY: Sobre a identidade masculina*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. *the dialogic imagination: four essays*. Trans by Caryl Emerson & Michael Holquist. Austin University of Texas Press, 1981.
- BARTHES, Roland. A mitologia hoje. In: _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 79-82.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulações*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- BERRY, Kate & HENDERSON, Martha. Envisioning the Nexus between Geography and Ethnic and Racial Identity. In: _____. *Geographical Identities of Ethnic America: Race, Space, and Place*. Reno: University of Nevada Press, 2002.
- CASSÁ, Roberto. *Recent Popular Movements in the Dominican Republic*. *Latin America Perspectives* 22, Los Angeles, no.3, 1995, p.81-93.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- DÍAZ, Junot. *A Fantástica Vida Breve de Oscar Wao*. Rio de Janeiro: Editora Record: 2009.
- GONZÁLEZ, Juan. *Harvest of Empire: A History of Latinos in America*. New York: Penguin Books, 2011.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2014.
- _____, Stuart. *Quem precisa da identidade? Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 103-133.
- _____, Stuart. *Cultural identity and diaspora. Identity: community, culture, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990.
- HARVEY, David. *Justiça social e a cidade*. São Paulo: Editora Hucitec, 1980.
- HORN, Maja. *Masculinity After Trujillo: The Politics of Gender in Dominican Literature*. University Press of Florida: Gainesville, 2014.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Trad. de Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

- KEVANE, Bridget. *Latino Literature in America*. Greenwood Press: Westport, 2003.
- KNOWLES, Caroline. *Race and Social Analysis*. London: Sage, 2003.
- LEFEBVRE, Henri. *The production of space*. Oxford: Blackwell, 1991.
- MACHADO, Arlindo. *Pré-Cinemas e Pós-Cinemas*. Campinas: Papirus, 1997.
- MANGANELLI, Giséle. *Identidades em Foco: Latinos nos Estados Unidos. Lugares de Identidade: Manifestações do Literário*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- MARTIN, Philip, MARTIN, Susan & WEIL, Patrick. *Managing Migration: The Promise of Cooperation*. Oxford: Lexington Books, 2006.
- NEELY, Brooke & SAMURA, Michelle. *Social geographies of race: connecting race and space. Ethnic and Racial Studies*. Santa Cruz: University of Santa Cruz Press, 2011.
- NOLASCO, Sócrates. *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.
- _____, Sócrates. *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993
- PEÑA, Julia. *Yo soy negro, pero negro blanco: Hispanicity, Antihaitianismo and Genocide in the Dominican Republic*. 2012. Tese de Doutorado. Wesleyan University.
- RUSHDIE, 1992, p. 11
- WERBNER, Pnina. Debating Cultural Hybridity. In: _____. *Multi-Cultural Identities and the Politics of Anti-Racism*. London & Jersey City: Zed Books, 1997.
- WIARDA, Howard J. *Dictatorship and Development. The Methods of Control in Trujillo's Dominican Republic*. Gainesville: U Florida P, 1970.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

- CELAYO, Armando & SHOOK, David. *In Darkness We Meet: A Conversation with Junot Díaz*, 2008. Disponível em: <http://www.molossus.co/prose/fiction/in-darkness-we-meet-a-conversation-with-junot-diaz-test/>. Acesso em: 29 de agosto de 2016.
- HAGGERTY, Richard A. *Dominican Republic: A Country Study*. Washington: GPO for the Library of Congress, 1989. Disponível em: <http://countrystudies.us/dominican-republic/> Acesso em: 25 de agosto de 2016.